

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG

Escola de Belas Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes - Mestrado

Wagner Pires Pina

**TRANSLUZ - NUDEZ FOTOGRÁFICA E SOCIEDADE**

Belo Horizonte

2020

Wagner Pires Pina

TRANSLUZ - NUDEZ FOTOGRÁFICA E SOCIEDADE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de Concentração: Artes Plásticas, Visuais e Interartes: manifestações artísticas e suas perspectivas históricas, teóricas e críticas

Orientador: Adolfo Cifuentes

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG

2020

Ficha catalográfica  
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

779.21  
P645t  
2020

Pina, Wagner, 1982-  
Transluz [manuscrito] : nudez fotográfica e sociedade / Wagner Pires  
Pina. – 2020.  
106 p. : il.

Orientador: Adolfo Cifuentes.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,  
Escola de Belas Artes.

1. Fotografia artística – Teses. 2. Fotografia de nudismo – Teses. 3.  
Transexuais – Teses. 4. Travestis – Teses. 5. Artes – Censura – Brasil  
– Teses. 6. Arte e fotografia – Teses. 7. Artes e sociedade – Teses. 8.  
Problemas sociais na arte – Teses. I. Cifuentes, Adolfo, 1961- II.  
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III.  
Título.

Folha de Aprovação - Assinatura da Banca Examinadora na Defesa de Dissertação do  
aluno **WAGNER PIRES PINA** - Número de Registro - **2018664314**.

Titulo: “**TransLuz, Nudez Artística e Sociedade**”.



---

Prof. Dr. Adolfo Enrique Cifuentes Porras – Orientador – EBA/UFMG



---

Profa. Dra. Maria Angelica Melendi de Biasizzo – Titular – EBA/UFMG



---

Profa. Dra. Melissa Etelvina Oliveira Rocha – Titular – EBA/UFMG

Belo Horizonte, 27 de março de 2020.

\*Via do aluno

*Dedico este trabalho a todas as travestis e as pessoas transexuais que passaram e passarão na minha vida. Essas passagens de alguma forma me ensinam sempre o poder que é ser quem você é! Em especial a memória de duas delas: M. Agatha Jeremias de Souza Lima e Fenanda Benvenutty.*

## **AGRADECIMENTOS**

Para a realização dessa pesquisa eu contei com o apoio de muitas pessoas, quero deixar em nome de todas meu muito obrigado. Em especial aos “Amigos de Outras Vidas” que deles citarei Flaw Mendes. Agradeço aos irmãos Michael e Tayse Souto. A André Skores e a Pacelli Castro. Ao apoio das pessoas de Minas Gerais que estiveram me acolhendo durante essa jornada e ao meu orientador Adolfo Cifuentes. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Dedico a memória da minha mãe Maria da Guia Pires Pina e do meu pai Edison Fernando Pina.

*“Não queimem as bruxas*

*Mas que amem as bixas*

*Mas que amem*

*Que amem*

*Clamem*

*Que amem*

*Que amem as travas também*

*Amém”*

(Oração - Linn da Quebrada)

## RESUMO

Esta pesquisa reflete sobre as atuais concepções e condições de exibição de conteúdos no país, sobretudo nas artes visuais, que envolvam de alguma forma a nudez, especialmente de pessoas às margens da sociedade. O fotógrafo/pesquisador, a partir da sua experiência como ativista LGBTQ+<sup>1</sup> e com base no seu projeto fotográfico autoral “TransLuz - Outras Expressões Femininas” (focado na letra T de transexuais e travestis da sigla) propõe reflexões relacionadas à minorias, pessoas em situação de vulnerabilidade social, construções/identificações de gênero, nudez e censura.

**Descritores:** Fotografia; Travestis; Transexuais; Censura; Artes Visuais;

---

<sup>1</sup> LGBTQ+ sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e pessoas Transexuais, Queer e diversas outras identidades de gêneros ou categorias de sexualidade;



## **ABSTRACT**

This research reflects on the current conceptions and conditions for content display in the Brazil, especially in the visual arts field, when they depict nudity of some kind, especially of people on the margins of society. The photographer / researcher, based on his experience as an LGBTQ+ activist and based on his authorial photographic project "TransLuz - Other Female Expressions" (focused on the letter T, for transsexuals and transvestites, of the acronym) proposes reflections related to minorities, people in situations of social vulnerability, gender constructions / identity, nudity and censorship.

Keywords: Photography; Transvestites; Transsexuals; Censorship; Visual Arts;

## SUMÁRIO

Introdução.....	11
1. Visibilidade: “TransLuz – Outras Expressões Femininas” .....	14
1.1 Politicagem e educação.....	20
1.2 Marginalização e Visibilidade.....	24
1.3 A arte de ser quem é .....	43
2. Fora da Norma .....	49
2.1 Extremismos .....	53
2.2 Desdobramentos .....	56
3. Fotografia .....	60
3.1 Fotografia e estética .....	63
4. Entre a “permissão” e a proibição.....	68
4.1 Conservadora e cristã .....	84
4.2 Coincidência retórica .....	90
Conclusão .....	96
Referências -----.....	99

## Introdução

Ser fotógrafo e artista como ofício e ter como poética o registro do cotidiano, de sexualidades, gênero e causas sociais, abordando visibilidade e política para minorias e registros históricos em um dado recorte temporal, ainda preferindo usar a nudez parece requerer uma postura especial no Brasil. Objetiva-se com esse trabalho relatar a experiência vivenciada na condução do projeto fotográfico “TransLuz – Outras Expressões Femininas”. É uma pesquisa-ação possibilitando suscitar reflexões a respeito de gênero assim como relacionada a travestis e transexuais. A vivência permitiu discussões acerca da estética fotográfica, traz falas das participantes discorrendo sobre suas experiências pessoais e enfoca questões relacionadas a permissões e proibições nas artes visuais. Observa-se o déficit de produtos/serviços/espços culturais com disponibilidade para exibição de obras com uso da nudez.

Em TransLuz um ponto crucial é tratar sobre outras expressões femininas que é o subtítulo do projeto, por isso faz necessário falar de forma introdutória sobre construções do feminino. O que constitui exatamente ser mulher? A filósofa Simone de Beauvoir (1970) no começo do seu livro *O segundo sexo* afirma que

[...] ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (1970, p. 09)

Ela parte então da premissa que gênero tem uma perspectiva histórica e social. Seguindo essa lógica, Meyer (2004) afirma que gênero remete a todas as formas de construção social, cultural e linguísticas implicadas com processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e nomeando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade.

As pessoas costumam ser levadas a reproduzir uma construção de masculinidade e feminilidade, socialmente estabelecida, que tem como base uma correspondência entre gênero e sexo biológico. Essa visão não leva em consideração as construções de gênero não binárias<sup>2</sup> e não normativas, o que contribui para desacreditar ou colocar em situação

---

<sup>2</sup> é a classificação do sexo e do gênero em duas formas distintas, opostas e desconectadas de masculino ou feminino.

de vulnerabilidade todas as formas de ser homem e ser mulher que não se encaixem nesse padrão normativo de sexualidade. Segundo Petry e Meyer (2011):

O gênero, enquanto organizador da cultura, e em articulação com sexualidade, modula o modo heteronormativo de como homens e mulheres “devem” se comportar, como seus corpos podem se apresentar e como as relações interpessoais podem se constituir, nesses domínios. (2011, p.195)

A socióloga Berenice Bento (2014, p.45) em seus estudos chega à conclusão que a sociedade desinformada sobre questões relacionadas a gênero e sexualidade acaba criando fobia a diversidades nesse campo que leva na sua fala a afirmar: “A bicha, o sapatão, a trava, o traveco, a coisa esquisita, a mulher-macho, devem ser eliminados. Isso faz com que haja um horror, um medo profundo de ser reconhecido como aquilo”. Esse “aquilo” é parte da vida de milhões de pessoas só aqui no nosso país. Por que as pessoas ainda usam palavras com sentidos/entonações pejorativas para se dirigir aos LGBTQ+?

Sobre processos de transição, as pessoas “T” da sigla costumam ser mais apontadas por esses caminhos, porém se generalizarmos, chegamos a uma conclusão que a mulher cisgênero modifica o corpo tanto quanto a mulher transexual e ambas usam “recursos culturais” femininos para serem validadas socialmente como mulher. Talvez seja necessário repensar a ideia de “mulher-feminina”, “homem-masculino”, pois se encerram em concepções engessadas sobre gênero afinal em sua grande maioria, segundo Bento (2006, p. 151) as transexuais em algumas situações se definem como mulher muitas vezes aprisionada em um corpo de homem (algumas lidam bem com o corpo que tem e não sentem necessidade de transgenitalização) e se sentem atraídas por outros homens.

As pessoas não nascem com batom, com brinco, com saia ou calça e esses elementos também não são definidores exclusivos de gênero, é algo cultural que nos é imposto como sendo masculino e ou feminino. Se uma pessoa que nasceu com pênis e se identifica com o sexo masculino, colocar um vestido não significará que, automaticamente se torne mulher. A exemplo disto, chamamos atenção para as *Drag Queens*<sup>3</sup>; O que faz alguém ser homem é o fato de se identificar como um, não o fato de

---

<sup>3</sup> Transformistas (mais conhecidos pelos termos em inglês *drag queen* e *drag king*) são personagens criadas por artistas performáticos que se travestem, fantasiando-se cômica, ou exageradamente, entre outras formas com o intuito geralmente profissional artístico.

ter pênis e vice versa, afinal existem também homens com vulva e mulheres com falo e pessoas intersexuais que podem ter os dois órgãos ao mesmo tempo.

Como o circuito de artes atualmente labuta com fotografias e outras manifestações artísticas que lidem com diversas questões como gênero, nudez, ativismos, entre outras? Afinal é mais complicado trabalhar com arte no país quando de alguma forma usamos a nudez? E como estão atualmente os espaços, circuitos e produções, relacionadas com essas produções num momento em que um governo considerado de extrema direita está no poder?

Essas são questões presentes neste trabalho que teve como preocupação não se encerrar em conclusões absolutas, mas promover reflexões que valorizem o diálogo e as diferenças. Para isso os objetivos foram: Analisar as mais recentes manifestações acerca da nudez no âmbito das artes visuais no Brasil; Identificar casos de nudez que tiveram destaque midiático no Brasil, possibilitando assim um panorama da área em que se atua e se desenvolve essa pesquisa; Levantar discussões sobre minorias e pessoas à margem da sociedade e questões relacionadas a gênero e sexualidade.

São questões que pensamos a respeito nesta pesquisa, sem ter obrigação em ser algo fechado à debate e com conclusões absolutas, mas sim disposto a diálogos democráticos. Esta dissertação é resultado de uma pesquisa-ação e está dividida em 4 capítulos. O capítulo 1 versa sobre como o projeto TransLuz surge e qual a importância que ele representa em termos de visibilidade, abre também uma discussão sobre identidade, gênero e sexualidade. No capítulo 2 pontuaremos questões relacionadas a violência causada à população LGBTQ+, sobre como o conservadorismo leva a essa violência e causa extremismos e sobre os desdobramentos do projeto TransLuz. O capítulo 3 aborda questões relacionadas à fotografia e sua estética e finalizamos no capítulo 4 tratando de questões relacionadas a política, censura, conservadorismos e governo.

## 1. Visibilidade: “TransLuz – Outras Expressões Femininas”

Em 2013 foi iniciada uma pesquisa sobre identidades de gênero chamada “TransLuz – Outras Expressões Femininas”, a partir de um levantamento que objetivou abordar e promover, de forma sensível, a visibilidade de pessoas que fazem parte do grupo LGBTQ+. O recorte escolhido nesta sigla foram as pessoas Travestis e Transexuais. Quando falamos sobre o “T” deste movimento ainda surgem várias dúvidas e precipitações principalmente referentes à questões relacionadas a orientação sexual e identidade de gênero.

O filósofo Paul B. Preciado, nascido na Espanha como Beatriz Preciado, e um dos fundadores da teoria *Queer*, fala no livro *Testo Junkie* que o termo “transexualismo<sup>4</sup>” foi usado pela primeira vez entre 1950 e 1960 pelo médico Harry Benjamin<sup>5</sup> que no período sistematizou o uso clínico de moléculas hormonais no tratamento de “mudança de sexo” e definiu a condição de ser trans como curável naquele momento. Preciado fala sobre sua experiência com uso de substâncias que chama de farmacopornográficas<sup>6</sup> e diz que:

[...] não tomo testosterona para me transformar em um homem, nem sequer para transexualizar meu corpo. Tomo simplesmente para frustrar o que a sociedade quis fazer de mim, para escrever, para trepar, para sentir uma forma pós-pornográfica de prazer, acrescentar uma prótese molecular à minha identidade transgênero *low-tech* feita de dildos, textos e imagens em movimento, para vingar sua morte. (2018, p. 18)

No mesmo livro o autor destaca o momento em que a sociedade se torna disciplinadora; a partir de teorias de Michel Foucault e passa a controlar as pessoas através de gênero e sexualidade:

As mudanças do capitalismo a que vamos testemunhar se caracterizarão não só pela transformação do “sexo”, do “gênero”, da “sexualidade”, da “identidade sexual” e do “prazer” em objetos de gestão política da vida (como Foucault já havia intuído em sua

---

<sup>4</sup> Enquanto a homossexualidade foi retirada do *DSM – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder* em 1973, o transtorno de identidade de gênero (nome clínico para transexualidade) foi incluído no DSM em 1983 com critérios de diagnósticos específicos para essa patologia.

<sup>5</sup> Sexólogo de origem alemã radicado nos Estados Unidos. É principalmente conhecido por ser o pioneiro no trabalho com a transexualidade humana (1885-1986).

<sup>6</sup> De acordo com Preciado o termo se refere aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula e a Playboy são dois resultados paradigmáticos. (p.36)

descrição biopolítica dos novos sistemas de controle social), mas também pelo fato de que esta gestão em si mesma será levada adiante por meio de novas dinâmicas do tecnocapitalismo avançado, da mídia global e das biotecnologias [...] A descontinuidade da história, do corpo, do poder: Foucault descreve as transformações da sociedade europeia do final do século XVIII a partir do que ele chama de uma “sociedade soberana” para uma “sociedade disciplinadora”, o que vê como deslocamento de uma forma de poder que decide e ritualiza a morte para uma nova forma de poder que planeja tecnicamente a vida em termos de população, saúde e interesse nacional. [...] o poder torna-se uma força de “somatopoder” que penetra e constitui o corpo do indivíduo moderno. (2018, p. 27 e 75)

Seguindo o mesmo raciocínio dos estudos foucaultianos e em consonância com Preciado (2015), Judith Butler (2009) tratam os gêneros como sincrônico dentro de relações de poder. Em seu texto intitulado “Inversões sexuais”, Butler (2009) retoma a leitura de Foucault sobre a invenção moderna da sexualidade, defendendo que a novidade e o escândalo trazidos pela modernidade foram um rompimento entre:

[...] um regime sociopolítico em que o sexo existia como um atributo, uma atividade, uma dimensão da vida humana, e um regime mais recente em que o sexo foi estabelecido como uma identidade. (2009, p. 91).

Para a filósofa, essa foi a primeira vez em que o sexo, para além de mero aspecto contingente ou arbitrário da identidade, torna-se aí um elemento central, e mesmo uma condição de inteligibilidade dos sujeitos.

De forma mais didática acerca das concepções, que são várias, e dos vários estudos também sobre gênero e sexualidade, e como esse apesar de não ser o foco principal desse estudo, obviamente perpassa também por questões relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual, portanto é de extrema importância pontuarmos nosso lugar como pesquisadores tentando resumir brevemente o que pensamos sobre esses temas. Deste modo, ao tratar sobre a identidade destacamos que:

[...] esta é de maneira geral um conjunto de aspectos individuais que caracteriza o indivíduo, estando diretamente ligada a forma como o ser humano se percebe, tanto individual quanto socialmente, podendo esta ser modificada ao longo da vida de acordo com as transformações pessoais do ser humano. (CIAMPA, 2002 apud MATOS, 2010 p. 74).

Ao abordar as participantes do projeto fotográfico descobrimos com depoimentos delas, e estudos teóricos relacionados, que identidade de gênero é como a pessoa se reconhece ao olhar seu reflexo, sua imagem, seu corpo, seu local na sociedade, essa identidade pode ser como mulher, homem ou outra denominação dentro

do espectro de gênero. Pessoas que se identificam com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer são consideradas cisgênero ou cis, na abreviação. Por exemplo ao nascer a médica coloca como sexo do bebê no registro: masculino; e se esse ser humano ao crescer e ou no momento em que toma ciência de ser enquanto gênero também se identifica enquanto homem, ele é um homem cis. Se essa pessoa não se identificar com seu sexo “biológico”, será uma pessoa transgênero ou, na abreviação, trans. Há também aqueles que não se identificam com nenhum gênero em específico, sendo denominadas não-binárias, ou seja, não se identificam como homem ou como mulher. No que se refere à orientação sexual nos apoiamos na definição de Mariana Araguaia:

[...] diz respeito à atração que se sente por outros indivíduos. Ela geralmente também envolve questões sentimentais, e não somente sexuais. Assim, se a pessoa gosta de indivíduos do sexo oposto, falamos que ela é heterossexual (ou heteroafetiva<sup>7</sup>). Se a atração é por aqueles do mesmo sexo, sua orientação é homossexual (ou homoafetiva). Há também aqueles que se interessam por ambos: os bissexuais (ou biafetivos). Pessoas do gênero masculino com orientação homossexual geralmente são chamados de gays; e as do gênero feminino, lésbicas. Alguns consideram, ainda, os assexuais, que seriam aqueles indivíduos que não sentem atração sexual; e os pansexuais: pessoas cuja identificação com o outro independe de seu gênero, orientação, papel e identidade sexual. (ARAGUAIA, 2009, n.p)

O projeto TransLuz surgiu da necessidade do artista/pesquisador de explorar temas relacionados a sexualidade fora da heteronormatividade. Para as autoras Petry e Meyer (2011, p.195) “a heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade”. Essa perspectiva biologicista e determinista de binarismo de gênero, onde só existem duas possibilidades para as pessoas (feminino/fêmea ou masculino/macho) é extremamente problemática por estar naturalizada e normatizada.

Vivemos nossas vidas e não nos apercebemos de como este cotidiano está pautado, regulado e normatizado por compreensões generificadas, apreendidas na cultura e assumidas como certas e verdadeiras. Estas concepções generificadas, culturalmente legitimadas e naturalizadas, pautam o sistema heteronormativo que produz comportamentos e corpos, reconhecidos como “adaptados” pelos discursos psi, e como “normais” pelos discursos biologicistas. (PETRY e MEYER, 2011, p. 195)

---

<sup>7</sup> É mais adequado dizer homoafetividade do que homossexualidade; assim como heteroafetividade, em substituição ao termo heterossexualidade, e assim por diante. Isso porque o sufixo “-sexual” tende a compreender que essas relações se reduzem unicamente a tal aspecto (o sexual), o que não pode ser utilizado como regra.



Destarte, a motivação para iniciar o projeto Transluz se deu a partir de uma situação de homofobia vivenciada pelo autor deste trabalho, na madrugada do dia 12 de agosto de 2012. Na ocasião, encontrávamos entre amigos e fomos solicitados a nos retirar de um estabelecimento comercial onde funciona um bar na cidade de Campina Grande no interior da Paraíba. O motivo alegado pelo gerente do estabelecimento foi a presença de duas pessoas do mesmo sexo que trocavam afetos publicamente.

Naquele ano já estava em vigência a Lei Nº 7309 de 10/01/2003 que proíbe a discriminação ou preconceito em virtude de orientação sexual e da identidade de gênero no Estado da Paraíba sobre à qual tínhamos conhecimento. No entanto, os policiais militares que foram chamados não estavam preparados para lidar com uma situação concreta de homofobia, deixando a desejar o cumprimento das medidas cabíveis previstas na lei, que seriam:

Art. 4º A prática de qualquer ato discriminatório sujeita o infrator as seguintes sanções: (Redação do caput dada pela Lei Nº 10909 DE 08/06/2017). I - Advertência; (Redação do inciso dada pela Lei Nº 10909 DE 08/06/2017). II - Multa até o limite de 2.000 (duas mil) UFR/PB; (Redação do inciso dada pela Lei Nº 10909 DE 08/06/2017). III - suspensão da inscrição no cadastro de contribuintes do ICMS do Estado da Paraíba por 30 (trinta) dias; (Redação do inciso dada pela Lei Nº 10909 DE 08/06/2017). IV - Cassação da inscrição no cadastro de contribuintes do ICMS do Estado da Paraíba. (Inciso acrescentado pela Lei Nº 10909 DE 08/06/2017).

Esse acontecimento se desdobrou uma semana depois do ocorrido em um evento chamado “Beijaço contra o preconceito” no qual mais de 300 pessoas apareceram convocadas através de redes sociais, se mobilizaram para pregar os ideais de amor, liberdade e direitos iguais. O manifesto trouxe visibilidade para questões sobre a diversidade sexual, pois retratou o preconceito presente nos espaços sociais e públicos que, não obstante, deveriam garantir à liberdade individual e assegurar a livre expressão de todos e todas, a partir do entendimento de que somos sujeitos de direito perante à lei. Além disso, o movimento demonstrou a necessidade de quebrar o silêncio acerca das proibições e discriminações presentes nos olhares, falas e atitudes de pessoas que tentam suprimir direitos e a livre expressão afetiva de pessoas cuja identidade é não normativa.



FIGURA 01, 02, 03 e 04 – Beijaço Contra o Preconceito, 2012, Fotos: Kaydson Gustavo, Paloma Guimarães e Luciano Mariz

No decorrer do episódio do “beijaço” conhecemos Carolina Almeida, mulher travesti, que em um encontro posterior ao evento, concedeu uma entrevista informal e falou sobre as dificuldades de ser alguém pertencente a letra T da sigla LGBTQ+. Sobre seus laços familiares, ela diz: “amo minha família (pai e mãe), sou bem aceita por eles”. Carolina, formada em estilismo em confecção industrial, declara não ter religião e atualmente está ativista e militante social do movimento LGBTQ+ na Paraíba.

Carolina diz que “conceitualmente, travestis são híbridas (dois em um), se identificam com o gênero feminino e não se sentem incomodadas com o seu genital. Ao contrário das Transexuais, que não se sentem confortáveis com seus sexos, podendo ou não se submeter à cirurgia de readequação sexual” e fala que sobre ser mulher: “há quem argumente que ser mulher é ser mãe, como se a ‘natureza’ feminina unicamente se reduzisse à maternidade, mesmo que seja essa dádiva tão peculiar ao sexo feminino. A mulher definitivamente é a ‘espécie’ mais interessante, inevitavelmente para qualquer artista, uma escritora, descrever uma mulher é muito mais interessante, é mais complexo e muito mais sofisticado”, citando algum texto da escritora Fernanda Young.

Ela ainda nos explica sobre o corpo T dizendo que “gênero não é biológico, é uma construção social. Não há nada de natural em ser ‘homem’ ou em ser ‘mulher’, os papéis sociais fazem parte do sistema patriarcal judaico cristão. De forma que, a biologia entre essas suas espécies é distinta em suas peculiaridades”. Sobre expressões femininas diz que: “não existe uma única expressão do feminino, existe um padrão na qual querem inserir a mulher, dessa maneira, existem vários tipos de feminilidade além da mulher cis, magra, alta, branca, bem-sucedida, com um bom casamento. Portanto, a transexualidade feminina é uma outra expressão do universo feminino e dentro dela existem suas outras expressões de corpos e desejos peculiares”.

A história de vida de Carolina despertou a necessidade de falar sobre este grupo de mulheres que é colocado à margem da sociedade e constituiu o ponto de partida para o projeto TransLuz. Partimos da premissa que para fortalecer a sociedade e o grupo como um todo, se faz necessário pensar e aferir a necessidade de trabalhar com questões de visibilidade sobre os corpos considerados marginalizados pela sociedade. Segundo Ávila (2005, p.20) se o Estado não reconhece é porque as considera não-legítimas, não pertinentes, sendo assim o poder hegemônico no aparelho do Estado considera essas relações incorretas. Voltando ao tempo atual da pesquisa, torna-se pertinente situar o contexto político atual, em que observamos uma influência decisiva das concepções religiosas nos direcionamentos políticos do país, “a bancada evangélica<sup>8</sup>” composta por pessoas autodenominadas conversadores, que atualmente ocupam e tem influência no Congresso Nacional Brasileiro, legislando por meio de repúdio e/ou interdições, os projetos que beneficiam a população LGBTQ+, algo perigoso em especial para essas minorias, uma vez que o estado deveria garantir a laicidade e o princípio de igualdade à todos.

---

<sup>8</sup> Frente Parlamentar Evangélica, ou simplesmente bancada evangélica, é um termo aplicado a uma frente parlamentar do Congresso Nacional do Brasil composta por políticos evangélicos de partidos políticos distintos. A frente parlamentar se articula contra temas como igualdade de gênero, aborto, eutanásia e casamento entre pessoas do mesmo sexo, além de também se opor à criminalização da violência e discriminação contra homossexuais, bissexuais e transexuais e de castigos físicos impostos por pais aos filhos. O grupo também tenta derrubar resoluções do Conselho Federal de Psicologia (CFP) que impedem que psicólogos tratem a homossexualidade como uma doença, apesar da decisão do CFP estar de acordo com a resolução de 1990 da Organização Mundial da Saúde (OMS), que retirou a homossexualidade da lista de distúrbios mentais depois que diversas outras organizações psiquiátricas respeitadas, como a Associação Americana de Psiquiatria e a Associação Americana de Psicologia, terem feito o mesmo nas décadas anteriores. Também buscam a aprovação do Estatuto da Família, que, entre outras disposições, define família como o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher.



FIGURA 05 – Beijaço Contra o Preconceito, 2012, Carolina de preto, cinto marrom e jeans claro. Foto: Luciano Mariz

## 1.1 Politicagem e educação

Politicagem de acordo com o dicionário *Michaelis* é definido como Política de baixo nível, voltada para interesses pessoais assim como Grupo de políticos que se dedicam a esse tipo de política esse substantivo costuma ser usado de forma pejorativa e poderia ser uma definição do *lobby* de grupos religiosos na atual política brasileira. O autor Paulo Victor Leite Lopes e a autora Christina Vital Cunha afirmam que “Lideranças evangélicas e católicas estão cada dia mais presentes no cenário político nacional” (2012, p. 11), associado a esse fato existe a dificuldade para implementação de políticas públicas voltadas para a cidadania de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, pessoas Queer e mais no Brasil.

O caso do programa “Escola sem Homofobia” é um exemplo recente: criado pelo Ministério da Educação em 2004 e “apelidado” de forma pejorativa, pelo então Deputado Federal e atual presidente da república Jair Messias Bolsonaro de “Kit Gay”, que objetivava levar as escolas a discussão de gênero e sexualidade através de um

material didático, com o intuito de diminuir casos de LGBTfobia<sup>9</sup> no país e promover a garantia de direitos humanos.

O material consistia em: 1) um caderno de orientação para o educador, o “Caderno Escola Sem Homofobia”; 2) uma série de seis boletins elaborados com uma linguagem juvenil, voltado para a distribuição entre os estudantes; 3) um cartaz de divulgação do projeto na escola, em que se estimulava que a comunidade escolar procurasse ter mais informações sobre o projeto; 4) cartas de apresentação para os gestores e educadores, apresentando o projeto e indicado as melhores formas de trabalhá-lo; 5) e três vídeos educativos que, acompanhados por suas respectivas guias de discussão, poderiam funcionar como estimuladores, pontos iniciais de debate. (CUNHA e LOPES, 2012, p.109 -110)

As frentes cristã e conservadoras protestaram contra essa proposta, alegando que o material ensinaria as crianças a “virarem homossexuais” ou que seria incentivo a “pedofilia”. A iniciativa contava com apoio do O Ministério da Educação (MEC), Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Em 2011, a então presidente Dilma Rousseff (PT) cedeu à pressão política da bancada evangélica e católica do Congresso e desistiu de implementar o material Escola sem Homofobia. De acordo com Damare Alves, Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, a erotização infantil é a maior preocupação do governo atualmente.

Em uma possibilidade de existir um programa educacional começando na educação básica para tentar diminuir a ignorância e promover a valorização da diversidade sexual e de gênero no país, além de educar sobre abusos sexuais sofridos na infância e adolescência, também de questões relacionadas a infecções sexualmente transmissíveis - IST's e gravidez acabou sendo barrada e é um assunto velado no atual governo. O próprio Presidente da República, Jair Bolsonaro, é adepto dessa linha de pensamento, ao qual cabe à família, e não à escola, educar a criança sobre o assunto da forma que julgar mais adequada. Mas como educar se as próprias famílias não têm conhecimento ou abertura para falar sobre esses temas? É uma barreira vivenciada por muitas pessoas, em especial os LGBTQ+ que acabam ficando sem educação familiar ou escolar.

A Unesco em comunicado na época falou sobre:

---

<sup>9</sup> LGBTfobia: trata-se do preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero e/ou orientação sexual de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

As desigualdades de gênero, muitas vezes evidenciadas pela violência sexual de meninas, expõem a necessidade de salvaguardar marcos legais e políticos nacionais, assim como tratados internacionais, no que se refere à educação em sexualidade e de gênero no sistema de ensino do país.

De acordo com reportagem do site “*Politize!*” Ao redor do mundo, a educação sexual recebe tratamentos diversos: nos países mais liberais da Europa o tema é considerado completamente natural e necessário, já em alguns países Islâmicos do Oriente o assunto é proibido. E eles citam exemplos:

A Holanda entende a sexualidade como algo completamente natural e saudável, e aplicação de programas de educação sexual é compulsória em todo o país. O tema é tratado desde os quatro anos de idade, porém com abordagens diferenciadas de acordo com a faixa etária. [...] nos Estados Unidos A educação sexual tem apoio de mais de 90% dos pais, mas as regras para aplicação nos currículos escolares variam entre os Estados. Em quase metade dos Estados não é obrigatório instruir jovens sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. [...] A China apresenta um quadro controverso apesar de ter taxas crescentes de infecções sexualmente transmissíveis, programas de educação sexual são quase ausentes. [...] a Índia também não incentiva a adoção de programas de educação sexual.

Essa falta de educação sobre sexualidade e gênero muitas vezes geram violências nas escolas e essa agressão constitui uma forma de exclusão dos LGBTQ+ na sociedade. De acordo com Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil em 2016, 73% foram agredidos verbalmente e 36% foram agredidos fisicamente. O autor desta dissertação foi agredido de diversas formas, tanto verbais (mais frequentes) quanto físicas, numa dessas agressões verbais é chamado pelo nome e depois leva a alcunha de “goiaba” em vídeo registrado em seu aniversário de 10 anos enquanto brincava de “amarelinha” com algumas primas. Goiaba é um dos sinônimos para homossexual, usado como forma pejorativa.







FIGURA 06, 07 e 08 – Aniversário Wagner Pina, 1992, frames extraídos de vídeo familiar

A professora, no Centro de Ciências Humanas e Educação da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Maria Cristina Cavaleiro em entrevista para a Revista Nova Escola (2018) aponta ainda a relação destas violências estruturais com a evasão escolar. As meninas abandonam a escola porque, muitas vezes, são responsabilizadas unicamente por cuidar dos filhos, irmãos e casa. No caso dos LGBTQ+, a evasão é causada sobretudo pela exclusão. Cavaleiro ainda afirma que:

“Não é que o aluno desiste da escola, é que ele não consegue permanecer nela”, resume a educadora, acrescentando: “Não é somente com os LGBTQ+, por exemplo, que tem que ser feita essa discussão, porque o problema não está neles, mas nas pessoas que expressam o ódio.” é preciso pontuar, entretanto, que quando a escola não traz o debate de gênero e orientação sexual, prioriza outro discurso. [...] Se omitindo, a escola está ensinando que as violências, o preconceito, as desigualdades que ocorrem na escola podem continuar acontecendo. E isso é prejudicial para todos os alunos, que deixam de acessar conhecimentos científicos importantes sobre diversidade humana e realidade social”.

São muitos os processos relacionados ao tema e acreditamos que, por mais que seja parte da nossa pesquisa e projeto, não conseguiremos expandir tanto o debate e se

faz necessário abrir espaço para outras temáticas relacionadas. Cabe o adendo que uma pesquisa mais aprofundada no tema é interessante para quem quer mais conteúdos específicos sobre educação relacionada a gênero e sexualidade.

## **1.2 Marginalização e Visibilidade**

Ao falar sobre marginalização ressaltamos que é um conceito estudado por alguns sociólogos, como Lucio Kowarick (1981), no livro *Capitalismo e marginalidade na América Latina* e que se relaciona com a exclusão em algum ou diversos campos da vida do indivíduo. tais como social, cultural, política, econômica entre outros, e que situações como essa estabelecem assim abismos que no meu ver causam isolamento, fazendo-os se encontrarem à margem da sociedade e não possuindo de fato os mesmos direitos e acessos a serviços básicos como saúde, alimentação, moradia, educação, etc. É comum ouvir de pessoas Travestis e Transexuais que não frequentaram a escola, por exemplo, por não se sentirem acolhidas, ou sofrerem discriminações de várias formas como já apontamos no tópico anterior, causando evasão escolar, assim como em entrega de currículos em empresas, quando não tem seu nome social ratificado nos documentos ou o gênero, sofrer o mesmo tipo de preconceito. Em suma são diversas situações nas quais pessoas cisgênero, principalmente brancas, não costumam passar no decorrer da sua vida.

Somente em 2018 a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) a Travestilidade e Transexualidade como doença, assim como fez com a Homossexualidade no início dos anos 1990. Almeida e Murta (2013) afirmam que é preciso demarcar que:

[...] os possíveis sofrimentos experimentados por transexuais, travestis e mesmo por homossexuais não são decorrentes de qualquer patologia inerente a tais sujeitos, mas de trajetórias de exclusão social. (2013, p.14)

Apesar de não mudar instantaneamente a realidade dessas pessoas, mudanças como essas sugerem melhorias de qualidade de vida para futuras gerações e iniciam um processo que precisa ir além da despatologização dos indivíduos, mas que consiga também inclusão social.



Retomando as considerações sobre o projeto TransLuz, sob a perspectiva de trazer visibilidade à identidade trans, os trabalhos começaram a ser desenvolvidos na cidade de Campina Grande – PB, onde acontecem as primeiras fotografias de três mulheres: Kamila, Roberta e Kelly; o projeto acontece dentro do apartamento da própria Carolina e ela também faz a primeira rede de contatos para que o fotógrafo consiga ter acesso às modelos. Foi realizada uma pré-produção para o cenário das fotos foi tomado como referência o trabalho do fotógrafo americano Irvin Penn<sup>10</sup>, famoso por usar cortinas e cenários simples em suas fotos, com o intuito de deixar as pessoas fotografadas sem muitas opções de adereços ou “muletas”<sup>11</sup> durante a execução dos ensaios, estratégia usada como forma de estimular e ajudar o improvisado, Penn dizia em declarações à imprensa que esse tipo de locação tinha resultados positivos nos seus retratos e que os modelos “acabariam se revelando ao tentarem acomodar seus corpos, egos e expectativas à estrutura”.



FIGURA 09 – Kamilla Gomes, 2012 – Foto: Wagner Pina

---

<sup>10</sup> (1917-2009) Um dos principais nomes da fotografia do século XX, Irving Penn foi um fotógrafo norte-americano. Penn começou sua carreira como fotógrafo em meados da década de 1940. Três anos mais tarde passou a fazer trabalhos para a revista "Vogue", onde trabalhou por muitas décadas.

<sup>11</sup> Nesse contexto a palavra muleta se refere a algum acessório que possa servir de apoio para as modelos



FIGURA 10 – Kelly Alves, 2012 – Foto: Wagner Pina



FIGURA 11 – Roberta Romana, 2012 – Foto: Wagner Pina

Então é utilizado como cenário permanente do projeto cerca de 6 metros de tecido que era montada e desmontada em locações diversas e que seriam dobradas e guardadas após a utilização. Esse “pano” seria o único cenário onde as fotos seriam executadas e com o passar do uso e tempo não se teve a preocupação em desamassar ou retirar marcas e vincos. As cortinas ali iriam ganhando laivos, rugas, amassos com o decorrer do uso em diversas situações e era assim também uma alusão ao nosso corpo no passar da vida.



FIGURA 12 e 13 – Irving Penn autorretrato e Irving Penn 1950 – Inspiração para o “cenário” de TransLuz;

Na percepção e realização do projeto foi pensado também o uso da nudez nas imagens. A opção pelo corpo nu era assim coerente também com o intuito de diminuir ao máximo a presença de objetos e acessórios, mas essa opção acabava, ao mesmo tempo, citando, dialogando e se apropriando de um dos grandes temas da fotografia e das artes visuais. TransLuz realizou então ensaios de nu fotográfico com as modelos representadas. Entendemos que já que buscamos visibilidades seria importante falar sobre a afirmação do ser mulher, afinal é comum mulheres travestis e transexuais serem questionadas sobre seu gênero e sua feminilidade e receber apontamentos sociais como falsas mulheres por não terem nascidas cisgênero, chegando, por exemplo, a serem expulsas de banheiros femininos e privadas de um serviço básico. Para ampliarmos nossa discussão sobre gênero, é importante frisar:

Refere-se a construção de atitudes expectativas e comportamentos, tendo por base o que determina a sociedade define como seus valores. Aprendemos a ser homens e mulheres pela ação da família, da escola de grupos de amigos, das instituições religiosas, do espaço de trabalho, dos meios de comunicação [...]. Gênero diz respeito também ao modo como lidamos ao longo da história e de forma diversa em diferentes culturas, com o poder nas relações interpessoais, hierarquizando e valorizando o masculino em detrimento do feminino. (SCOTT, 1995, p. 74)

Na perspectiva do ensaio fotográfico passamos a questionar sobre a construção que o corpo da mulher sofre na sociedade e que não só o corpo trans, mas o corpo cis transcorre por essas mesmas transformações e modificações para se adequar ao seu gênero, não só física, mas também socialmente. Contudo, é comum o julgamento mais assertivo ao corpo do outro e ao desnudarmos esses corpos temos a possibilidade de produzir questionamentos acerca da identidade e visibilidade, além dos propósitos engajados de valorização e inclusão de um grupo historicamente discriminado, talvez mostrando que no fim são apenas corpos humanos, não importando seu gênero, raça, etnia, marcas e motivações para serem como são.

Uma das preocupações do fotógrafo/autor seria com a sexualização e apropriação de uso dos corpos dessas mulheres que já vivem praticamente da constante exploração deles. Por mais que o intuito de TransLuz não seja de sexualização dos corpos, ao usar o nu como foco artístico, corremos o risco de cair num viés de erotização, uma vez que não se pode medir a recepção de todos os tipos de públicos que, por ventura, sejam expostos ao trabalho. É preciso deixar claro que foge à intenção do projeto e do estilo artístico do fotógrafo/autor, que a nudez encontre como forma de expressão apenas a sua erotização. Dando continuidade a outras séries de trabalho realizadas anteriormente pelo autor, optou-se por manter o gênero nu, historicamente estabelecido na tradição das artes visuais do ocidente, tanto na pintura quanto na fotografia.



FIGURA 14 – Bondagem, 2011 – Foto: Wagner Pina para o projeto Fetiche



FIGURA 15 – Voyeurismo, 2011 – Foto: Wagner Pina para o projeto Fetiche

Nesses quesitos de se ver e participar do projeto não só de forma passiva, mas também como espectadoras e público alvo me traz os pensamentos de Ariella Azoulay no livro *Civil Imagination* (2010), que fala, entre outras coisas de fotografia documental e diz:

Por outro lado, a maioria das muitas fotografias que vemos todos os dias parece desprovida de qualquer conexão com a câmera que possa tê-las fotografado. Na maioria dos casos, não somos as pessoas fotografadas nessas fotografias e, conseqüentemente, não somos perturbados pela possibilidade de sua circulação. Mas em lugares onde as pessoas são irremediavelmente expostas à prática da fotografia, como zonas de desastre, as fotografias que não estão em exibição são geralmente as pessoas que moram naquele local. Para muitos desses indivíduos, essa é a própria essência da fotografia. A câmera é uma ferramenta que promete uma imagem que eles nunca verão.<sup>12</sup> (2010, p.19-20)

---

<sup>12</sup> Tradução feita pelo autor por não encontrar tradução oficial do texto, no original: “Conversely, the majority of the many photographs we see every day appear devoid of any connection to the camera



O segundo encontro para realização dos ensaios fotográficos aconteceu na cidade de Natal a capital do Rio Grande do Norte em 2013 dentro do evento Encontro Nacional de Juventude Trans – ENJUT com realização da Associação das travestis e transexuais do Rio Grande do Norte (Atrevida) e da Associação Nacional de Travestis Transexuais (Antra). Nesse momento foram fotografadas cerca de dez travestis e transexuais. Um fator importante de se ressaltar nesse momento é a situação envolvendo a realização das fotos. Num primeiro momento o projeto foi explicado em plenária mostrando a finalidade do mesmo e como as fotos se realizariam.



FIGURA 16 – Natal 2011 – Foto: Wagner Pina

Foi disponibilizada, pela organização do evento, uma sala vazia próximo a onde estava acontecendo o evento e fomos trazendo uma modelo por vez para realizar os ensaios tentando ao máximo não interferir na programação do evento. Ao chegarem as pessoas tinham um tempo para ler e assinar uma documentação de autorização de uso de imagem e como no Brasil, as leis para a população de travesti e transexual ainda não

---

that might have photographed them. In most cases, we are not the photographed persons in these photographs and are consequently not perturbed by the possibility of their circulation. But in places where people are irredeemably exposed to the practice of photography, such as disaster zones, the photographs that are not on show are generally of the people who live in that location. For many such individuals, this is the very essence of photography. The camera is a tool that promises a picture that they will never see.”

tinham evoluído (fato que ocorrera pouco tempo depois) muitas delas apresentavam ainda o nome dado no batismo e o gênero masculino nos documentos oficiais e usavam os nomes sociais na vida e que se tornaram os títulos de cada foto tirada.



FIGURA 17 – Beatriz Chaves 2011 – Foto: Wagner Pina



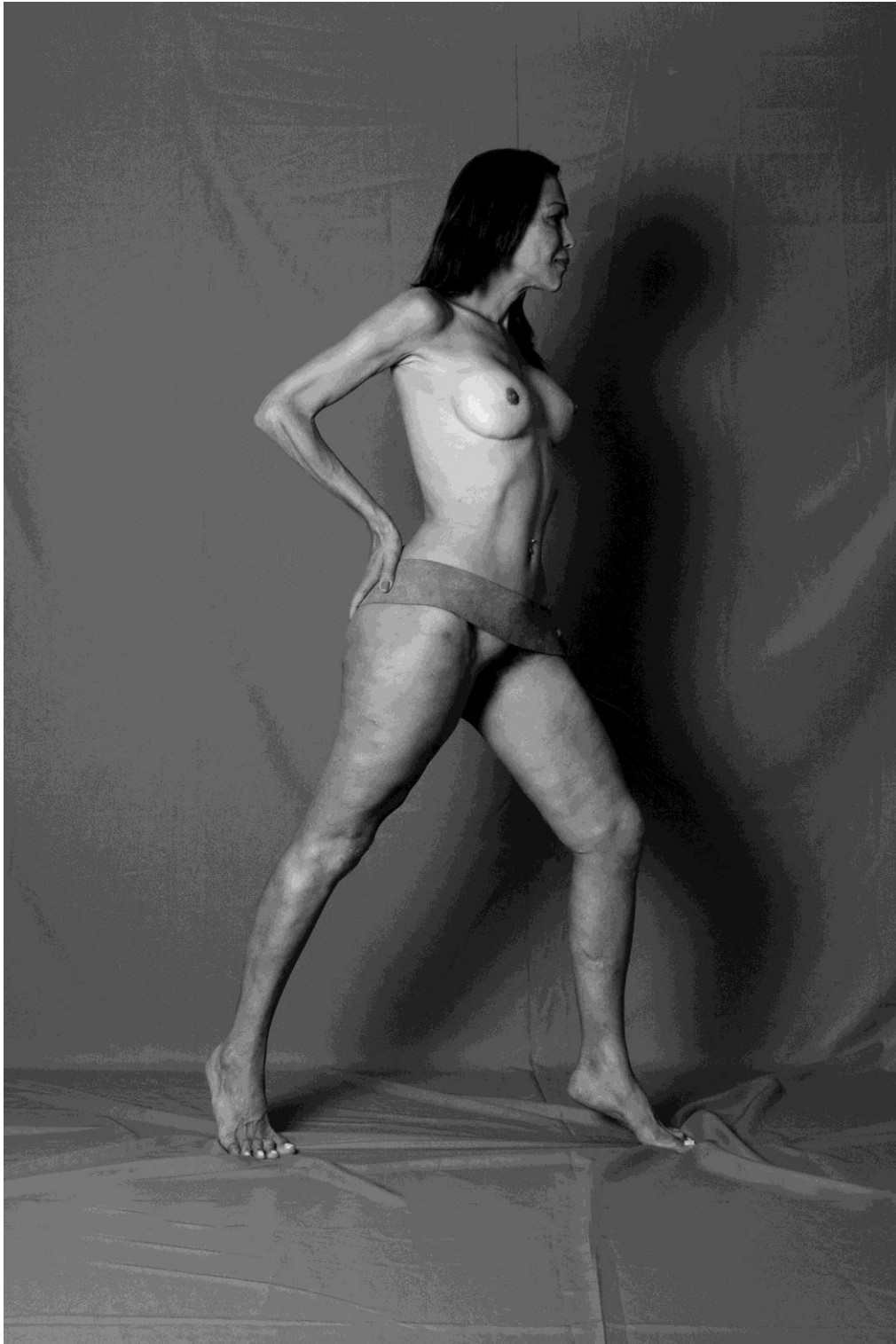


FIGURA 18 – Agatha Lima 2011 – Foto: Wagner Pina

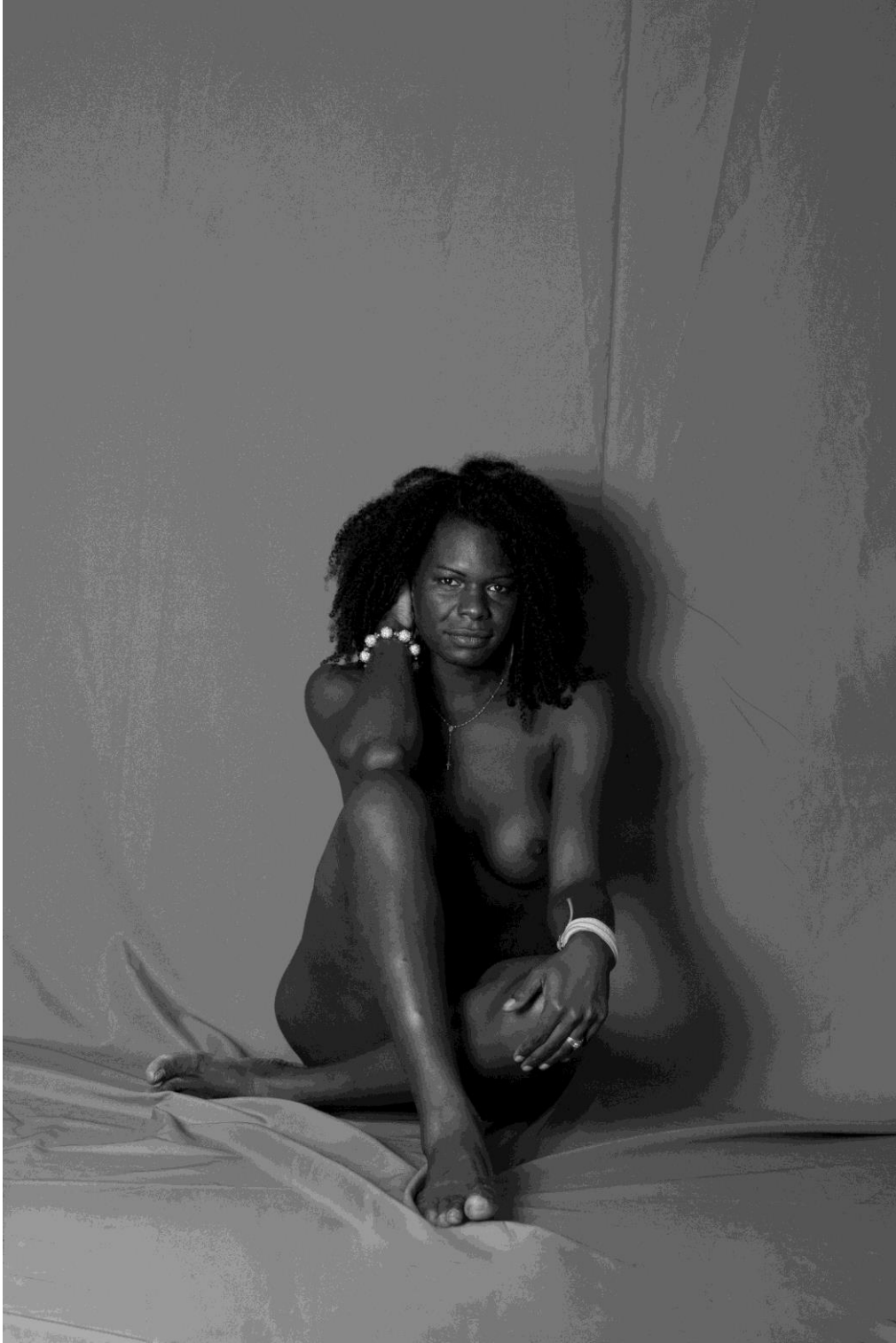


FIGURA 19 – Maria Clara 2011 – Foto: Wagner Pina



FIGURA 20 – Marcela 2011 – Foto: Wagner Pina



FIGURA 21 – Rebecka\_Glitter 2011 – Foto: Wagner Pina

O processo de realização dos ensaios foi um momento de aprendizado e merece algumas ponderações. Essencialmente, o trabalho enquanto labuta é, na visão de Marx (1844/1993), responsável pela transformação dialética da natureza do homem. Nessa perspectiva, o ser humano é considerado um ser voltado para a labuta que encontra nele, além de um sustento e sobrevivência, uma forma bastante importante de sociabilização e de dar sentido a sua existência, criando entre outras coisas o fator pertencimento e anuência do indivíduo perante a sociedade.

Em cerca de 93% das pessoas fotografadas a prostituição era um meio ou até mesmo o único meio de vida de acordo com seus relatos pessoais. Garcia (2007) corrobora com esse quadro, ao dizer que a prostituição se tornou elemento definidor da identidade travesti e transexual (principalmente a feminina) devido ao fato da elevada frequência com que esse grupo lança mão dessa atividade para garantir sua sobrevivência. “Certamente, o maior problema para essas pessoas é de ordem social e está nas ‘armadilhas essencialistas’ que reduzem a figura da prostituta a sua ocupação, caracterizando-a como uma ‘espécie’ diferente de ser humano”.

De acordo com pesquisa realizada pelo Plata o Plomo<sup>13</sup> em junho de 2017 os LGBTQ+ representavam 8,7% da população brasileira, naquele momento existiam mais de 60.000 casais gays no Brasil, comunidade que gerava cerca de 150 bilhões de reais por ano em consumo de bens e serviços. Quando era perguntado, durante a pesquisa, se os participantes já tinham ouvido algum tipo de homofobia no ambiente de trabalho, 68% respondia que sim. O custo anualmente para a economia do nosso país causado por homofobia chega a 405 bilhões de dólares americanos baseados em produtividade, *turnover*<sup>14</sup> e processos judiciais. Outro dado alarmante dessa pesquisa é que na época mais de 33% das empresas não contratariam LGBTQ+ para cargos de chefia e que 61% dos funcionários optavam por esconder sua sexualidade de colegas e gestores.

Esse retrato de exclusão é real e, portanto, levou algumas pessoas travestis e transexuais que fotografamos a terem como meio de subsistência trabalhos voltados para a venda do corpo. Assim era comum no início do processo de realização das

---

<sup>13</sup> [www.plataoplomo.com.br](http://www.plataoplomo.com.br) fontes: IBGE, Santo Caos, Outnow Global, Antra, Talentinnovation e Ethos

<sup>14</sup> um termo da língua inglesa que significa "virada"; "renovação"; "reversão" sendo utilizado em diferentes contextos. É um conceito frequentemente utilizado na área de Recursos Humanos (RH) para designar a rotatividade de pessoal em uma organização, ou seja, as entradas e saídas de funcionários em determinado período de tempo.

imagens por fazerem mais fotos sensuais/pornográficas para usar como material para venda do corpo em sites ou aplicativos. Ao se desnudar então as mulheres já traziam poses que exaltassem essa ideia de sexo que não fazia parte da visão do projeto que estava sendo realizado, e sim falarmos sobre visibilidade, gênero, etc.

Surgia então um impasse no sentido de conseguir o que era almejado, porém que deixasse elas a vontade para se despir e se sentirem seguras e poderosas. O fotógrafo nesse momento não poderia podar as intenções e desejos das modelos, pois sabia que poderiam se sentir recuadas e talvez até rejeitadas, afinal já tinha o direcionamento de usar acessórios que remetem a afirmação de feminilidade como salto alto, lingerie, etc. A solução foi deixar no começo da sessão elas se posicionarem por alguns “clicks” como se sentissem à vontade para no momento seguinte enquanto estavam diante da lente serem questionadas sobre a vida até aquele momento. O corpo automaticamente ganhava outras formas e curvas e posições.



FIGURA 22 – João Pessoa 2012 – Foto: Wagner Pina

O terceiro e último encontro ocorreu na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, em que oito pessoas travesti e ou transexuais foram fotografadas. As fotos aconteceram paralelamente ao XI Encontro Regional de Travestis e Transexuais do Nordeste cujo o lema foi: Pelo direito de ser transexuais e travestis nordestinas,

realizado pela Astrapa – Associação de Travestis e Transexuais da Paraíba e pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais - Antra. Nesse encontro o projeto já tinha sido exibido algumas vezes em exposições coletivas e já tinha um certo reconhecimento das pessoas T da sigla LGBTQ+.







FIGURA 23 e 24 – Marquesa da Conceição 2012 – Annie Karla 2012 – Foto: Wagner Pina





FIGURA 25 – Muzah Domask 2012 – Foto: Wagner Pina



FIGURA 26 – Fernanda\_Benvenutty 2012 – Foto: Wagner Pina



FIGURA 26 – Marina Garlen 2012 – Foto: Wagner Pina

### 1.3 A arte de ser quem é

A partir de todas os estudos realizados até aqui, surge então a indagação: será que posso contribuir com minha arte para a liberdade dos gêneros? Das travestis? Das pessoas transexuais? Ou sou mais um pseudo-artista-homem-branco-cis de uma cidade do interior da Paraíba?

Gênero definitivamente não é tão simples, o corpo é um local onde vamos colocando vários elementos no decorrer da nossa vida, elementos que reforcem nossa ideia de quem somos ou o que gostamos de parecer ser. Mais uma vez pensamos em identidade.

A identidade é fruto de uma construção social, interiorizada e vivida pela maioria da população, construção essa que tem adquirido diferentes matizes, ao longo da história, segundo o modelo de organização social vigente e das características consideradas necessárias para proporcionar funcionalidade ao sistema (...). Os diversos rumos que tem tomado a identidade da mulher através da história e que têm determinado suas formas culturais específicas não são específicos ou casuais, mas respondem aos requerimentos de um sistema social que os cria, recria e dá forma, na vida cotidiana (Charles, 1991 APUD Fonseca, 2017, p. 8)

Empiricamente, é um fato, que na arte quase nada impõe estranheza hoje em dia. Tudo parece já ter sido visto, nada tem força direta no heterogêneo, o impensado ou subversivo. Que bom que assim o seja, nunca foi a ideia desse projeto, não é para ser exuberante, é para ser cru, são fotos em preto e branco de mulheres com mil histórias para contar no seu corpo, na sua pele, no seu olhar, na sua vida, que toparam a ideia de se desnudar para as lentes, nada novo no mercado, nada que não tenha sido visto, mas quem sabe o diferencial seja a forma como são apresentadas, o respeito por elas, pelas suas histórias e pelo trabalho realizado.

Esse pode ser um diferencial, e se vocês me perguntam isso é arte? “Arte talvez seja qualquer isto! Talvez um isto problemático, reflexivo, que é necessário interrogar e decifrar” usando então as palavras de Ronaldo Brito em uma crítica nos anos 80. Nos anos de 1960 o crítico Mario Pedrosa dizia “que arte é um exercício experimental de liberdade”. E sobre o artista? O artista precisa ser politizado? Talvez até não, seria bom que fosse, que tivesse um algo político a dizer em seus trabalhos intencionalmente, porém o artista precisa encarar que não existe o mito de que ele é alguém que vive acima da superfície, sobre as outras pessoas, como um ser superior, é hora de os artistas acordarem sobre qual é o seu lugar no mundo dos vivos!

Em se tratando de arte Katia Canton (2009) ratifica que “é necessário prestar atenção nos sinais dos tempos e seus significados. [...] A arte ela pede um olhar curioso, livre de pré-conceitos, mas repleto de atenção”. Por isso que em TransLuz quis associar o fazer artístico a visibilidade das pessoas Travestis e Transexuais, assim apresento então algumas das modelos e suas histórias de vida.

Beatriz, uma senhora bem resolvida com seu corpo fora dos padrões que a sociedade atual costuma exigir a uma mulher, casada. reside em uma cidade do interior do Ceará, onde de acordo com ela vive sua própria “Lagoa Azul”, talvez não numa ilha deserta, mas na sua comunidade e assim luta com dignidade para manter seu casamento de poliamor com dois irmãos e o melhor amigo deles.

Ou as Barbaras, uma paulista que vive no Rio de Janeiro que depois de sobreviver um bom tempo na prostituição conseguiu um emprego formal numa emissora de televisão nacional, a mais conhecida talvez aqui no nosso país, mas mesmo assim não teve como abrir mão do dinheiro que ganhava ao vender o corpo, pois ele lhe proporcionou meios para realizar os processos de transição do seu corpo, que tem um

valor elevado, a exemplo da aplicação de laser no corpo para retirada de pelos corporais, transformações estéticas e também psicológicas. A outra modelo de Belém do Pará conseguiu ser mãe e alcançou o sonho de ter filho, usou o sistema e através da adoção está recebendo e dando amor e carinho como qualquer outra mãe, às vezes acertando na educação às vezes quem sabe não, que mãe, não é assim?



FIGURA 27, 28 e 29 – Beatriz Chaves, Barbara Aires e Barbara Pastana – Foto: Redes Sociais

Temos Dávila que venceu em sua cidade no interior do Rio Grande do Norte um concurso de garota bumbum, mas foi desclassificada por ser transexual, por não a entender como pertencente ao gênero feminino. Mariah Aghata é uma das mais batalhadoras mulheres que conheci. Forte! Determinada! Realizou o sonho de casar com seu marido heterossexual a mesma orientação sexual que ela também se define, luta na justiça porque foi mutilada durante sua cirurgia de redesignação sexual e luta na vida com problemas relacionados ao silicone líquido industrial que injetou no corpo e que agora está sendo rejeitado<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Durante o trabalho final de revisão, após ser defendida a dissertação, recebemos a triste notícia do falecimento de Aghata em virtudes dos problemas relacionadas ao silicone injetado no seu corpo.



FIGURA 30 e 31 – Dávila Medeiros e Aghata Lima – Foto: Redes Sociais



FIGURA 32 – Maria Clara de Sena – Foto: Redes Sociais

Maria Clara é uma mulher pernambucana foi mais uma vítima de transfobia e racismo enquanto trabalhava representando o estado brasileiro, passou a ser perseguida por um agente de segurança penitenciária, também funcionário público, quando foi colocada em um programa de proteção que se revelou incapaz de garantir sua integridade física, emocional e psicológica. Ela foi a primeira transexual do mundo a assumir um cargo em um Mecanismo de Prevenção e Combate à Tortura, órgão que



atua em parceria com a ONU e perseguida por isso vive hoje como refugiada no Canadá.

A também pernambucana, Alexia, demonstra determinação e força de vontade para viver, no entanto, porém sente dificuldade em trabalhar com estética, que é a área na qual se especializou, ela fala da hostilidade que é ser trans numa sociedade machista e cisgênera, que mudar seu corpo seu cabelo e sua história na sociedade e na família é começar tudo do zero, tudo de novo como se fosse nascendo de novo, ou seja muito difícil esse processo todo. E diz que “na minha profissão hoje como esteticista ainda sofro preconceito de empresas e pessoas que não sabem de nada e nos julga pela nossa transexualidade, antes quando fazia prostituição era tudo menos complexo porque para a sociedade só servimos para uma esquina e oferecer nossos corpos para satisfazer as próprias pessoas”.



FIGURA 33 – Alexia Oliveira – Foto: Redes Sociais

Rebecka é natural da cidade Natal, no Rio Grande do Norte, onde mora com sua mãe. se define cristã religiosamente. enfatiza ser contra muitas práticas das igrejas, “Adoro Deus em minha casa e do meu jeito” diz. Quando questionada sobre como o corpo pode ser o que marca a fronteira entre os gêneros, ela diz:

Acho que o corpo não marca, pois vejo tanta gente recorrendo às cirurgias plásticas, e mudando assim várias partes de seus corpos (implante de próteses, *megahair*, lipoaspiração) também há mudanças simples e que não precisam de tanto dinheiro, o simples fato de tirar as sobrancelhas ou descolorir os pelos, já implica num tipo de mudança, na verdade acho que a fronteira está em outros dois lugares: coração e cérebro. Ser mulher é ter a essência e a sutileza de se identificar com o gênero feminino, sem precisar ser frágil e delicada para obter esse resultado.

Anny mesmo como tantas e por tantas falo muitas, tendo sido expulsa de casa e ter sido obrigada a se prostituir porque não teve outra opção para se alimentar, mas deixando claro que a prostituição não é algo vergonhoso ou problemático, porém deve ser uma escolha e não uma única opção de sobrevivência, muitas se orgulham de serem prostitutas, outras querem ter espaço em outras áreas, mas o preconceito não as deixa entrar.

Citando mais um exemplo de transfobia, Fabiola levou dois tiros na rua pelo simples fato de ser quem é, por ser trans, por ser mulher. Hostilidade e condenação são palavras para caracterizar a situação de desqualificação, por parte da sociedade, com relação a comunidade LGBTQ+ anda sendo tratada desde sempre por uma boa parte da população. Todos os dias acompanhamos notícias diversas relacionadas a homofobia, transfobia, lesbofobia, bifobia e por quê causam tanto desconforto nessa sociedade machista heteronormativa? Por que a felicidade delas incomoda tanta gente?

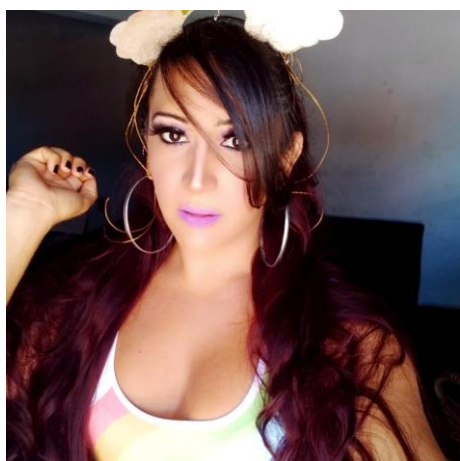


FIGURA 34, 35 e 36 – Rebecka de França (Glitter no projeto TransLuz), Anny Karla e Fabiola Silva – Foto: Redes Sociais

São tantas histórias de Fernandas, Mariams, Marinas, Marquesas, Laras, Lohanes, Muzas, Janainas, Alexias, Demilys, Marceles, Kellys, Camilas, Robertas, Patricias, Rebeckas, Marcelas, Marias.



## **2. Fora da norma**

As pessoas fora da norma heterossexual e cisgênero costumam ser marginalizadas, como exemplos desses grupos “marginais” temos: raças, etnias, situação socioeconômica, pessoas que carreguem qualquer marca, portadores de necessidades especiais, negros, desempregados, imigrantes, idosos, entre outros. Situações como essas costumam levar a exclusão de indivíduos dos espaços comuns e dos direitos garantidos a toda e todo cidadão causando entre outros danos a convivência social desses indivíduos.

As grandes cidades costumam ser locais em que são mais notórios os processos de marginalização e, conseqüentemente, as desigualdades. Por desconhecimento, ou informações equivocadas causadas por determinados setores mais conservadores da sociedade civil e política, levam a aumento de números de casos de morte causado por LGBTfobias, incluindo alto índices de suicídios. Como exemplo tivemos o caso da Transexual Quelly da Silva que em janeiro de 2019 teve sua vida retirada com requintes de crueldade ao ter seu coração arrancado do corpo. O assassino Caio Santos de Oliveira, de 20 anos, confessou ter tirado a vida de Quelly e, em entrevista à imprensa disse que “Ele era um demônio, eu arranquei o coração dele. É isso”. Depois de arrancar o coração da vítima, Oliveira colocou a imagem de Nossa Senhora Aparecida sobre o tórax de Quelly, demonstrando uma motivação religiosa de desaprovação ao seu gênero. O assassino que demonstrou em suas palavras, desqualificar o gênero da vítima ao referir-se no masculino foi absolvido no final de outubro de 2019, o juiz José Henrique Rodrigues Torres absolveu o assassino ao acatar laudo psiquiátrico de esquizofrenia. O criminoso segue detido em manicômio judicial por período de dois anos.



FIGURA 37, 38 e 39 – Secretária de Segurança Pública de São Paulo foto divulgação, Caio Santos de Oliveira reprodução EPTV e Quelly da Silva foto Redes Sociais

Segundo Keila Simpson presidente da Antra em entrevista ao site “Geledés” em 2019 “Qualquer assassinato de uma pessoa trans manda um recado: o de que a gente não merece existir”, que complementa falando “A crueldade, o fato de o autor ter se referido à vítima como ‘demônio’, a referência religiosa. Há todo um simbolismo que nos remete a essa realidade brasileira da transfobia, que é esse preconceito em relação à identidade de gênero”, explica.

A cantora transexual Assucena Assucena do grupo As Bahias e a Cozinha Mineira diz que a violência vai além do assassinato. “O corpo social da travesti sempre é um corpo marginalizado, seja nas instâncias do meio público ou do meio privado”, explica. “É difícil você ver uma travesti numa sala de estar, na recepção de um hospital. Nossos corpos e vivências são assassinadas”, diz. Isso tem uma relação com todos os assassinatos, Quelly e tantas outras são assassinadas porque lhes é negado o livre direito de ir e vir dentro da sociedade e a ocupação de espaços sociais formais, como

universidades, grandes empresas, escolas, organizações políticas, comércio formal entre outros. Um fato positivo a ressaltar refere-se ao aumento do número de trans na câmara dos deputados em São Paulo, representada pelo PSOL, a deputada Érica Malunguinho em São Paulo torna-se a primeira deputada transexual. O partido também conseguiu eleger as deputadas trans Erika Hilton e Robeyoncé Lima.

Quelly é apenas um nome, existem vários outros. Marroni levou 18 facadas, Samilly foi baleada, assim como Gaby. Hérica morreu de tanto apanhar e ser jogada do alto de um viaduto, depois de agredida com murros, pedradas e pauladas, Dandara levou dois tiros. Dandara inclusive deu nome a um Projeto de Lei apresentado pela deputada federal Luizianne Lins (PT-CE), o PL propõe alteração do Código Penal para prever o LGBTcídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio e coloca ainda o LGBTcídio no rol dos crimes hediondos, alterando disso, o artigo 1º da Lei nº 8.072/1990. Batizado em homenagem à travesti Dandara dos Santos aguarda na Comissão de Direitos Humanos o início das discussões. Pelo projeto, é considerado LGBTcídio quando o crime envolve menosprezo ou discriminação por razões de sexualidade e identidade de gênero. A deputada, autora do projeto, justifica:

Sofremos com a ausência de leis que garantam proteção a esse segmento da população e esse é um dos fatores que geram a vulnerabilidade. Esses crimes são tipificados por discriminação e menosprezo à condição de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, ou seja, cometidos exclusivamente pelo ódio e merecem a devida atenção e punição. Afinal a cada 26h um crime de LGBTfobia é registrado no país.



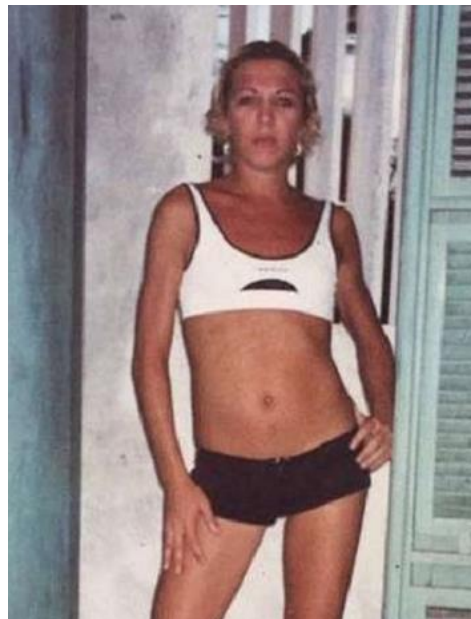


FIGURA 40, 41 e 42 – Dandara retirado de vídeo em redes sociais, idem e Dandara arquivos pessoais divulgação

A arte vem mais uma vez resgatar a memória e dar visibilidade, como não foi possível à vida, pelo menos à memória. A travesti cearense Dandara dos Santos ganhou uma escultura em sua homenagem, colocada em uma avenida da cidade Nova York, nos Estados Unidos. A obra, que consiste na representação das asas de uma borboleta, é assinada pelo artista brasileiro Rubem Robierb<sup>16</sup>. Intitulada de "Máquina de sonhos: Dandara (2019)". "Eu nomeei esta escultura de Dandara, uma mulher trans morta pela violência, uma pessoa que, assim como muitas outras da comunidade LGBTQ, sonhava em ser tratada com dignidade e respeito", diz a descrição da obra, cravada na borboleta, que fica na *229 Tenth Avenue*, por oferecimento da *Tagliatella Galleries*.

Acima citamos apenas algumas das 54 transexuais brasileiras assassinadas entre janeiro e maio de 2017. Mais do que estatísticas, são seres humanos, com vidas, sonhos, irmãos, mães, pais e até filhos. Estes são poucos exemplos do que ocorre no Brasil e é registrado como tal, neste país onde a expectativa de vida dessas pessoas é de 35 anos. Para se ter uma ideia menos da metade da média nacional que segundo dados do IBGE é de 75,5 anos.

---

<sup>16</sup> Artista visual brasileiro, cujo meio e estilo atuais estão ligados ao movimento Pop-Art, usando a imagem bidimensional e sua repetição como recurso. Robierb emprega um senso de figuratividade para transmitir imagens transbordantes, cheias de significados ocultos, ao espectador.



A expectativa de vida de pessoas trans é objeto de estudo do psicólogo Pedro Sammarco, autor do livro “*Travestis envelhecem?*”. Segundo estudos o Brasil continua a ser o país onde mais transexuais são mortos, segundo dados da ONG *Transgender Europe* – TGEU, as pesquisas apontam que entre 1º de outubro de 2017 e 30 de setembro de 2018, 167 transexuais foram mortas no país. A pesquisa, feita em 72 países, classificou o México em segundo lugar, com 71 vítimas, seguido pelos Estados Unidos, com 28, e Colômbia, 21. A organização ainda contabilizou um total de 369 homicídios de transexuais e indivíduos não-binários, indicando um aumento de 44 casos em comparação com a pesquisa do ano anterior e de 74 casos com relação a 2016. No Brasil, foram contabilizadas 171 mortes, em 2017, e 136, em 2016. Em ambas situações, o país ocupou o primeiro lugar no ranking.



FIGURA 43 – Obra de Rubem Robierb. Intitulada de "Máquina de sonhos: Dandara (2019) – Reprodução Redes Sociais

## 2.1 Extremismos

Na situação política atual temos um presidente eleito considerado de extrema direita e conservador onde existe uma confluência muito marcante entre política e religião. Neste governo a possibilidade de causar um maior abismo envolvendo minorias e pessoas em situação de vulnerabilidade social. Aqui partimos da concepção de que as ideias de direita estão associadas ao liberalismo econômico, tal como definido

por teóricos do século 17 e 18, como os filósofos John Locke<sup>17</sup> e Adam Smith<sup>18</sup>. Eles definem o livre mercado como o melhor modelo de sociedade, com uma presença mínima do Estado. Esse espectro político vê ainda a organização e a segurança como valores centrais. Em várias partes do mundo, a direita também representa a defesa de um conservadorismo moral que busca reagir a pautas contemporâneas associadas aos direitos das mulheres e dos LGBTQ+, dos imigrantes e de outros grupos à margem da sociedade e que demandam do Estado políticas compensatórias e mais protetivas.

Sobre o atual governo no Brasil partimos, nesse primeiro momento, de três especialistas para corroborar com a posição política do Presidente Jair Messias Bolsonaro como alguém de extrema direita. “Bolsonaro é um típico populista da extrema direita autoritária, mas não é um fascista”, disse, por exemplo, o chileno Cristóbal Rovira Kaltwasser<sup>19</sup>, a italiana Nadia Urbinati<sup>20</sup> afirma que ele não é apenas um representante da extrema direita populista, como também usa elementos de propaganda fascista em seu discurso político e para complementar essas ideias Lawrence Rosenthal<sup>21</sup> diz que o presidente parte do populismo autoritário de extrema direita que cresce no mundo.

Em julho de 2019 através de sua conta oficial no *Twitter* Jair Bolsonaro anunciou, que após “intervenção” do Ministério da Educação foi suspenso um vestibular específico para candidatos transgêneros e intersexuais da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). De acordo com reportagem do site G1 do Ceará a Unilab, reitera que o processo seletivo era dedicado à ocupação de vagas ociosas, que não foram preenchidas nos outros editais regulares da instituição, ou seja,

---

<sup>17</sup> (1632-1704) foi filósofo inglês, um dos mais importantes filósofos do empirismo. Exerceu grande influência sobre vários filósofos de sua época, entre eles, George Berkeley e David Hume. Como representante do individualismo liberal, defendeu a monarquia constitucional e representativa, que foi a forma de governo estabelecida na Inglaterra, depois da Revolução de 1688.

<sup>18</sup> (1723-1790) foi um economista e filósofo social do iluminismo escocês e é considerado o Pai da Economia Moderna. Abordou questões como o crescimento econômico, ética, educação, divisão do trabalho, livre concorrência, evolução social, etc.

<sup>19</sup> Doutor em ciência política pela Universidade Humboldt, em Berlim, professor na Universidade Diego Portales, no Chile, e coautor, junto com o holandês Cas Mudde, do livro “Populismo: Uma Muito Breve Introdução”

<sup>20</sup> Doutora em ciência política pelo Instituto Universitário Europeu, de Florença, professora na Universidade de Columbia, nos EUA, e autora dos livros “A Democracia Desfigurada” e “Como o Populismo Muda a Democracia”, que será publicado em 2019.

<sup>21</sup> Coordenador do Centro Berkeley de Estudos sobre a Direita, da Universidade da Califórnia, e autor de diversos estudos e livros sobre o assunto.

baseados no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) e no Sistema de Seleção Unificada (SISU). Em matéria do site Istoé reforça-se que o lançamento do edital foi visto como um passo importante pela comunidade LGBTQ+, já que as pessoas trans estão entre os grupos com menor inclusão no sistema educacional. No entanto, grupos conservadores e religiosos criticaram a ação.

O Governo Federal anunciou uma medida provisória (MP) publicada em 24 de dezembro de 2019 pela Presidência da República na qual estabelece que a palavra final sobre a nomeação de reitores em Universidades Federais será do presidente Jair Bolsonaro, que poderá não acatar o nome vencedor da lista tríplice de candidatos apresentada pela instituição. A MP foi publicada em edição extra do Diário Oficial da União (DOU). Anterior a isso e logo ao assumir a presidência o governo já tinha feito um corte suntuoso de verbas destinadas as Universidades Federais do país.

Paralelamente, avanços políticos também começam a surgir no mesmo período relacionadas a população Transexual e Travesti como, por exemplo, o uso do nome social como lei<sup>22</sup>. Em âmbito federal, o Decreto nº 8.727, da Presidência da República normatizou o uso do nome social pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, avanços como esses e o mais recente que equipara a crime de racismo qualquer discriminação por orientação sexual ou gênero aprovada em 2019 pelo Supremo Tribunal Federal incluindo na Lei de Racismo (7716/89), que hoje prevê crimes de discriminação ou preconceito por "raça, cor, etnia, religião e procedência nacional" dá nova redação para definir os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero.

Mas o que devemos pensar é sobre a ideia da necessidade de um tipo de pacto social no qual não fosse necessário existir leis que regulamentassem algo que nem deveria existir no aspecto da sociedade como crime por ser tão inadmissível. Partindo dessa premissa utópica ao mesmo tempo ter essas leis que configurem não como um simples crime, mas como crimes de ódio que são de acordo com Ortega (2016) uma forma de violência direcionada a um determinado grupo social com características específicas, ou seja, o agressor escolhe suas vítimas de acordo com seus preconceitos e,

---

<sup>22</sup> É o nome pelo qual pessoas transexuais, travestis (em geral) ou qualquer outro gênero preferem ser chamadas cotidianamente, em contraste com o nome oficialmente registrado, que não reflete sua identidade de gênero. A identidade do nome social é vinculada com a identidade civil original.

orientado por estes, coloca-se de maneira hostil contra um particular modo de ser e agir típico de um conjunto de pessoas, é uma forma de minimizar o impacto dessa brutalidade que ocorre atualmente no nosso país.

Quando se atenta ao fato de o conservadorismo não recair apenas sobre questões de gênero e sexualidade, mas em todos os campos sócio culturais e científicos a situação ainda se torna mais complexa e difícil. Ao produzir um projeto como TransLuz que lida com vários aspectos reunidos como arte, ativismo e questões de gênero, os espaços e proibições se tornam ainda mais restritos, mas apesar de constante essas censuras, elas ainda geram poucas evidências/provas físicas que comprovem através de documentação essas sanções. Costumam ser mais conversas e olhares, em poucos casos existem documentações que mostraremos no capítulo quatro.

## **2.2 Desdobramentos**

Todos esses processos acima tiveram desdobramento por meio do trabalho fotográfico, que naquele momento, foi o suporte artístico que melhor acomodou as inquietações sobre o contexto de invisibilidade no qual essas mulheres vivem e que emanaram a partir do uso desse gênero e recorte temático conhecido como nu, que é uma área central na pesquisa artística e fotográfica do autor, também usada no registro desses corpos e no contato com essas vidas e vivências. Essa atividade que teve início de forma independente, contou com a participação de mais de vinte e cinco mulheres fotografadas entre os anos de 2013 e 2015, de vários estados brasileiros como Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Pará, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Sergipe, Alagoas e Maranhão.

O projeto apropriou-se de um dos grandes temas da fotografia e das artes visuais, o nu, realizando ensaios com as modelos representadas. O trabalho produziu questionamentos acerca do processo de construção das identidades dessas mulheres e da necessidade de visibilidade de suas representações femininas. Os propósitos se engajaram na valorização e inclusão desse grupo historicamente discriminado. A socióloga nordestina, da cidade de Campina Grande, Berenice Bento ratifica o silenciamento dessas identidades ao enfatizar uma necessidade de abordagem do tema:

[...] O reconhecimento da transexualidade como questão de gênero nos leva a reconhecer que há muitas possibilidades de se fazer gênero, para além de uma relação retilínea do tipo mulher-feminino, homem-



masculino, e também a discutirmos os direitos sociais e políticos dos sujeitos que vivem o gênero fora do binarismo, como são as travestis, os transexuais, os transgêneros. [...] (2006, p.16)

Um dos primeiros obstáculos partiu do questionamento: o que um homem cis sabia até então sobre trans? Porque mesmo que como homem homossexual, faça parte do grupo LGBTQ+, tenho vivência nenhuma sobre ser de outro gênero ou necessitar transitar nesse sentido, tinha pouco ou quase nenhum conhecimento sobre transexualidade ou sobre pessoas travestis. Reconhecendo um lugar de privilégio, enquanto homem cisgênero e branco, entendemos a necessidade da luta constante para tentar diminuir a opressão de outros grupos hierarquicamente mais desacreditados e marginalizados. É importante reconhecer nossos privilégios e tentar desconstruir essa ideia de que somos todos<sup>23</sup> iguais, essa diversidade é o fator enriquecedor da sociedade, entender e respeitar as diferenças é o que deve ser feito e não tornar tudo homogêneo.

A tomada de consciência sobre as regalias de alguns grupos sobre outros não costuma ser rápida e fácil, muitos ainda não perceberam que essa demora em identificar seus direitos sacrifica os que não os tem. A desigualdade social, étnico-racial, sobre sexualidade e gênero, entre tantas outras dualidades, é um fato sobre o qual precisamos continuar refletindo para ampliar consciências e acesso aos direitos da vida. É importante elucidar que enquanto avançamos nos direitos sociais, temos desafios pessoais: romper juízos de valor e julgamentos. Destarte para desenvolver um projeto que gerasse visibilidade para as pessoas T da sigla e não sendo eu uma dessas pessoas foi necessário, como um processo de aprendizado: estudar, se informar e acima de tudo ouvir o que as pessoas que fazem parte do grupo pesquisado, no caso, travestis e transexuais tinham para falar.

É crucial tirar do pensamento a ideia de que somos o centro e que os demais são “os outros”, sempre que estamos em situações de privilégio ou de “bolha social”<sup>24</sup> nos colocamos dessa forma e essa visão torna-se perigosa. De acordo com texto da filósofa Djamila Ribeiro, Simone de Beauvoir funda essa categoria do *Outro* beaivoriano, explicando como essa categoria é tão antiga e comum que, segundo seu estudo, nas

---

<sup>23</sup> O autor usou o “todes” aqui como forma de neutralizar o gênero (ao invés de por toda e/ou todo)

<sup>24</sup> Aqui usamos como referência esse termo no sentido de se só se conviver com pares ou pessoas que sejam do mesmo grupo. Como guetos.

mais ancestrais mitologias e sociedades primitivas já se encontravam presente uma dualidade: a do Mesmo e a do Outro. Ela explica:

Nenhuma coletividade, portanto, se definiria então como *Uma* sem colocar imediatamente a *Outra* diante de si. Por exemplo, para os habitantes de certa aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo lugar são os Outros; para os cidadãos de um país, as pessoas de outra nacionalidade são consideradas estrangeiras. Os judeus são “outros” para o anti-semita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. Ao fim de um estudo aprofundado das diversas figuras das sociedades primitivas, Levi Strauss pôde concluir: “A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos que cumpre explicar os dados fundamentais e imediatos da realidade social”. Tais fenômenos não se compreenderiam se a realidade humana fosse exclusivamente um *mitsein* baseado na solidariedade e na amizade. Esclarece-se, ao contrário, se, segundo Hegel, descobre-se na própria consciência uma hostilidade fundamental em relação a qualquer outra consciência; o sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto. (Ribeiro APUD Beauvoir, 2017, p. 36-37)

Essa reflexão que a Djamila faz junto com os estudos da Simone é base fundamental do desenvolvimento deste projeto e mais à frente no mesmo capítulo do livro *O que é Lugar de Fala*, ainda citando Beauvoir, a autora pondera:

Em o segundo sexo, Simone de Beauvoir argumenta sobre o fato de que quando indivíduos são mantidos numa situação de inferioridade, eles de fato são inferiores, mas nos alerta sobre como precisamos entender o alcance da palavra ser. Segundo a filósofa, o problema é dar um valor substancial à palavra ser quando ela tem o sentido dinâmico hegeliano. Ou seja, “ser é ter-se tornado, é ter sido tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores”. (2017 p.43)

Nesse contexto percebemos que o ser não é fato, é causa, e um fotógrafo cis falando sobre mulheres, sobre trans, e refletindo sobre lugar de fala, levou a determinados momentos do projeto existir a possibilidade de estar usurpando um espaço mesmo que o trabalho tivesse como intuito principal a visibilização e não a ocupação de um lugar que não cabia ao autor. Ribeiro mais uma vez serve como referência:

Um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade. Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis

a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. A travesti negra fala a partir de sua localização social, assim como o homem branco cis. (2017 p.83)

Com esse intuito de propor questões sobre visibilidade percebemos a partir desse trabalho uma possível relutância de determinados espaços públicos e privados, assim como de editais, agentes e mecanismos usuais de circulação de artes visuais no nosso país em fazer o projeto circular, uma vez que a forma retratada das modelos se deu a partir da nudez.

### 3. Fotografia como expressão artística

A história da fotografia já é bem conhecida e qualquer pesquisa rápida em sites de busca encontramos de forma detalhada, por isso, não consideramos necessário um escrutínio sobre esse tema aqui. Como diz Flusser (1985) há aproximadamente duzentos anos surgia a caixa preta, talvez tenha sido mesmo Joseph Nicéphore<sup>25</sup> a registrar a primeira imagem técnica por esse equipamento e esse objeto/aparelho começou uma revolução. A revolução fotográfica não se trata do fim das artes plásticas como temiam os que as faziam na época, ou do mito do medo de determinados povos indígenas que não participavam da “brincadeira” com o aparelho por medo da perda de suas almas, assim como outras temáticas que abordam esses debates, mas sim, falamos de uma conflagração de conceitos.

Definimos nesse trabalho que o conceito seria a significação entre aparelho, técnica e humano. Aparelho como a caixa preta em si, física, objeto, produto, câmera, máquina, plástico, software, hardware, computador, chip, filme, chapa, etc. Técnica como a forma aplicada pelo ser que manipula esse aparelho para captar a imagem que ele pretende, podendo ser de diversas formas e meios, utilizando todos os recursos ou alguns, presentes no aparelho, de forma automática, manual ou qualquer outra. Humano como a criatura que compra, ganha, adquire, aprende, usa instintivamente, não aprende e usa, profissional, amador, filósofo, analfabeto, o ser que manipula técnica e aparelho da forma que lhe convém, “a invenção das imagens técnicas é comparável, pois, quanto a sua importância histórica, a invenção da escrita” (Flusser, 1985, p. 11).

Um dos grandes questionamentos em relação à fotografia trata-se do ser real ou não o resultado da captura, mas até que ponto essa resposta é importante para a comunicação da fotografia com seu expectador? Soulages (2010, p. 18) fala que a arte fotográfica é mais ampla e menos conhecida do que se pensa e, por isso, por ser mais ampla e menos conhecida, deve-se esquecer do conceito de realidade mesmo quando se trata de fotojornalismo.

De alguma forma, por mais crua que seja, a tentativa do fotógrafo de expor uma realidade, ou de transportar o espectador para aquelas cenas sempre terá manipulação. A fotografia é manipulada ou/e durante o processo prévio de produção. Por exemplo,

---

<sup>25</sup> Inventor francês responsável por uma das primeiras fotografias.

quando se vê uma cena e decide registrá-la, vai no mínimo entrar nesta decisão a escolha do ângulo, durante a realização quando se faz o registro e também durante a impressão, a forma de divulgação ou qualquer que seja o meio de difusão do resultado fotográfico. Dentro desses parâmetros não concebemos a ideia de substituição ou de prevalência de qualidade técnica, conceitual, de signo, significado, aparelho, bens de consumo, instrumentos, etc. Cabe ressaltar que além dos fatores técnicos e conceituais acreditamos que a imagem fotográfica em si como resultado casa com o conceito de Azoulay (2010) de que:

A fotografia, então, nunca é apenas a realização do plano preconcebido ou a visão de um único autor, mas é o resultado de um encontro. Esse encontro envolve pelo menos quatro protagonistas - a câmera, quem fica atrás da lente, quem fica de frente para a lente e quem pode se tornar um espectador visualizando o produto do encontro. (2010, p.219)<sup>26</sup>

Mesmo em casos de “*fast food*”<sup>27</sup> de imagens atribuídos a aplicativos populares em redes sociais como *Instagram*<sup>28</sup>, entre outros. Mesmo realizando trabalhos fotográficos diversos, ainda surgem dúvidas intermitentes sobre até que ponto a essência do objeto fotografado foi alcançado e nasce desse questionamento outra dúvida a respeito da importância de ter que alcançar tal essência. Para Kant (1970, p. 302) o objeto transcendental é igualmente desconhecido, quer se trate de intuição interna, quer da intuição externa. Neste trabalho não vamos conceber a fotografia definida apenas como resposta à sua receptividade e condições. O objetivo de TransLuz tende a transcender esse conceito e levar o espectador a repensar sua própria identidade e seus parâmetros sociais em relação ao outro e à concepção de gênero, sua e do outro.

A particularidade do sujeito que fotografa é singular demais para poder ser generalizável e universalizável. É por meio dos registros fotográficos que buscamos

---

<sup>26</sup> Tradução feita pelo autor por não encontrar tradução oficial do texto, no original: “The photograph, then, is never solely the realization of the preconceived plan or a vision of a single author, but is rather the outcome of an encounter. This encounter involves four protagonists at least – a camera, whoever stands behind the lens, whoever faces de lens, and whoever might become a spectator viewing the product of the encounter.”

<sup>27</sup> Termo inicialmente utilizado a gastronomia quando se fala de alimento rápido, pronto, é usado também para outros serviços, produtos, situações, etc, em que algo seja feito de forma rápida sem tanto planejamento entre outros.

<sup>28</sup> Rede Social de compartilhamento de foto e vídeo que permite aos seus usuários tirar fotos e vídeos, aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais.

expor novos debates na sociedade acerca da cultura, neste caso em particular a cultura das Travestis e Transexuais, TransLuz é isso também, uma possibilidade de, através da estética fotográfica, levar uma parte da sociedade que vive à margem dela, por falta de visibilidade, a ser vista e ter um espaço para emergir.

A fotografia é no máximo uma pequena voz, mas às vezes, não sempre, é verdade, acontece de um só clichê, ou até um conjunto, seduzir os sentidos a ponto de desembocar numa tomada de consciência. Tudo depende de quem olha; algumas fotografias suscitam tal emoção que geram reflexão. Isso pode levar um indivíduo ou, quem sabe, um bom número dentre nós a ouvir a razão, a colocá-la no caminho certo e até, às vezes, a descobrir o remédio que cura a doença. Outros sentem, talvez, mais compreensão, mais compaixão para com aqueles cuja existência lhes é estranha. A fotografia é uma pequena voz. Acredito nisso. Se for bem concebida, consegue fazer-se ouvir. (SMITH, 1983, apud SOULAGES, 2010, p. 34)

A fotografia aqui, além do viés estético, tem o valor informativo e também, traz um pouco do aprendizado do fotógrafo. É um registro histórico dessas mulheres e de como elas vivem hoje na sociedade, como modificam seus corpos, como atribuem significados ao seu gênero. E de forma qualitativa abordamos essa estética T, revelada nas imagens que compõem o projeto que servem como referência, não só pelas escolhas de ângulos, poses, expressões, entre outros elementos no registro fotográfico, mas como um documento de gênero desta época. Azoulay (2010), complementa esse pensamento da seguinte forma:

A câmera não era mais vista apenas como uma ferramenta nas mãos do usuário, mas como um objeto que cria poderosas formas de comoção e comunhão. [...] O surgimento da fotografia como objeto do olhar zombava dos simplistas. oposição que prevaleceu no discurso sobre a fotografia entre o dispositivo e o sujeito que o empunhava, permitindo surgir outras possibilidades latentes na fotografia desde o início, como as sugeridas no “Lápis da Natureza” de Talbot. O lápis (leia-se "câmera") da natureza agora podia ser posicionado de maneira diferente - não como um dispositivo que se escrevia por si só, nem como um que o autor usava para produzir imagens de outras pessoas. Em vez disso, o lápis da natureza poderia ser visto como uma máquina de inscrição que transforma o encontro que surge à sua volta, através dele e por meio de sua mediação, em uma forma especial de encontro entre participantes nos quais nenhum deles possui status de soberano. Nesse encontro, de maneira estruturada e apesar da ameaça de perturbação, o lápis da natureza produz, em sua maior parte, um protocolo visual imune à completa dominação de qualquer um dos participantes, no encontro e à sua possível reivindicação por soberania. É precisamente esse entendimento que gostaria de

extrapolar da noção de Talbot de que o "lápis da natureza" funciona por si só.<sup>29</sup> (2010, p.15;16-17)

A fotografia é um registro deste tempo e entre suas funções talvez a mais importante seja o fato de existir, de ser como diz Kossoy (2001, p. 47) uma fonte histórica, na verdade, tanto para o historiador da fotografia, como para os demais historiadores, cientistas sociais e outros estudiosos. Se cumprido, esse papel de registro, fará com que a fotografia por si só exista como documento e por existir já deixa de ser apenas um papel ou um arquivo digital e passa a ser história. Kossoy (2001) analisa o fato de como a imagem não fala por si só, ela tem que ser considerada em toda a cadeia de produção que Azoulay (2010) assinala acima, portanto, a fotografia tem que ser considerada não só como imagem, mas como projeto, intenções, usos, etc

### **3.1 Fotografia e estética**

Ao tratar do tema da estética costuma-se ter a necessidade de usar o campo da semiótica como referência, o que nesta pesquisa não será o caminho escolhido por acreditarmos que apesar de ser um campo de estudo solidamente estabelecido não caberia apenas uma análise por esse viés. Optamos, porém, não abordar aqui questões profundas na semiótica por entender que esse não é o escopo para justificar a análise da estética do projeto TransLuz.

As imagens são definidas como um “sistema semiótico” despossuída de uma metasemiótica: à medida que a língua, com sua peculiaridade metalinguística, é capaz de se auto-servir como meio de comunicação sobre si mesma, se convertendo em um discurso auto-reflexivo (BENVENISTE, apud SANTAELLA e NÖTH, 1999, apud MAUX, 2008, p. 34).

---

<sup>29</sup> Tradução feita pelo autor por não encontrar tradução oficial do texto, no original: “The camera was no longer just seen as a tool in the hands of its user, but as an object that creates powerful forms of commotion and communion [...] The appearance of photography as the object of the gaze made a mockery of the simplistic opposition that had prevailed in the discourse on photography between the device and the subject wielding it, allowing for other possibilities to emerge that have been latent in photography from its inception, such as those intimated in Talbot's own Pencil of Nature. The pencil (read "camera") of nature could now be positioned differently-not as a device that wrote itself by itself, nor even as one wielded by the author who used it to produce pictures of other people. Rather, the pencil of nature could be seen as an inscribing machine that transforms the encounter that comes into being around it, through it and by means of its mediation, into a special form of encounter between participants where none of them possesses a sovereign status. In this encounter, in a structured fashion and despite the threat of disruption, the pencil of nature, for the most part, produces a visual protocol immune to the complete domination of any one of the participants, in the encounter and to their possible claim for sovereignty. It is precisely this understanding that I would like to extrapolate from Talbot's notion of the "pencil of nature" working in its own right.”

A estética na fotografia, e mesmo quando se fala em fotografia de gênero, tem muitos fatores como poses, artefatos, ambientes, iluminação, velocidade do obturador<sup>30</sup>, e tem também elementos extra técnicos complexos como referências históricas e/ou estilísticas, recortes de gênero, usos sociais entre outros que podem representar esta estética do gênero ou por eles serem representados.

Já as imagens não são capazes de se servir como meios de reflexão sobre imagens. Assim, o discurso verbal é imperioso ao desenvolvimento de uma teoria da imagem. Com isso, o código verbal não é capaz de se desenvolver sem imagens. E o nosso discurso verbal está cheio de imagens, ou iconicidade, como diria Peirce. (MAUX, 2008, p. 35).

Nessa perspectiva em contrapartida vamos usar outros referentes teóricos e discursivos para falar sobre a estética fotográfica. Soulages (2010, p. 200) diz que o observador de fotos e de obras fotográficas é reconhecido na especificidade de sua abordagem, ou melhor, ele se tornou artista. O observador será então o definidor desta estética em um primeiro momento, ele que irá fazer sua compreensão através dos seus próprios mecanismos pessoais que o trouxeram a analisar o projeto fotográfico TransLuz. Em termos de escolhas de poses, ângulos e situações vivenciadas nos registros deste projeto, como apontado anteriormente, foi usado como inspiração o fotógrafo americano Irving Penn, contudo o fator de cor ou ausência dela, apesar de ter sido inspirado nesta referência se deu também por outros motivos.

Pode parecer uma estratégia negativa, mas você ficará encantado quando descobrir que, quanto menos cores houver, mas forte serão as suas imagens. No final, o processo de simplificação pode levar a apenas uma ou duas cores. Essencialmente, então, você está criando imagens em tons de preto-e-branco [...] a eliminação da variedade de cores permite que se trabalhe com os elementos gerais da cena – variação tonal – o que possibilita descrever volume, articulação de espaço e detalhes a serem expressos. (ANG, 2010, p. 57)

Existindo, assim, a possibilidade de fortalecer essas imagens, já que um dos objetivos é fazê-las aparecerem, se justifica o uso da ausência de cores nas fotos. Se as opções até aqui de inspiração para a realização estética das fotos e da paleta de cores ou ausência delas foram justificadas, falta validar a fotografia enquanto arte e documento:

A melhor abordagem da fotografia é poética. Essa liberdade diante da foto explica a dificuldade que o receptor sempre sente diante dela:

---

<sup>30</sup> O obturador é um dispositivo mecânico que abre e fecha, controlando o tempo de exposição do filme (ou do sensor das câmeras digitais) à luz em uma câmera fotográfica.



como aborda-la? Como entrar em sua poesia? Como deslocá-la para a arte? [...] Desse modo, diante de uma foto, a dificuldade é a mesma que diante de um haikai: é difícil a gente mesmo ser poeta. (SOULAGES, 2010, p. 200)

Além do denominador arte como rótulo para o trabalho existe a questão do documento, de como esse trabalho pode servir de referência para pesquisas sobre travestis e transexuais.

A imagem captada na fotografia consiste em um “testemunho visual” do que aconteceu para aqueles que se encontravam ausentes da cena. A fotografia é referência do acontecido e o que resta dele, é um fragmento congelado do instante passado a caracterizar a interferência do fotógrafo nesse instante. (KOSSOY, 1979, apud MAUX, 2008, p. 43)

O fotógrafo vai ser o autor deste processo, deste congelamento, ele que vai dirigir a pessoa fotografada, vai definir o ângulo que lhe agrada e o recorte ou qual plano da pessoa vai ser clicada, mesmo que se tenham usado referências para tal. Por meio da sua estética, empírica ou não, ele define a posição na qual a pessoa irá ser congelada no clique, qual o arranjo do cabelo e mãos, entre tantos outros aspectos técnicos, formais, estilísticos, conceituais e semióticos da imagem fotográfica. Aplica-se na estética de TransLuz essa poética de Soulages (2010) e esse testemunho visual de Kossoy (1979), um dos grandes objetivos do projeto é não se repetir em nenhuma situação de exposição pública. No que se caracteriza por mesma sequência de imagens, mesmas imagens, organização das imagens, entre outros, criando assim a possibilidade de cada exposição ser única. É uma possibilidade de o fotógrafo levar durante o período de vigência do projeto sempre um “espetáculo” novo, mesmo que seja sempre o mesmo. Pode-se comparar com o teatro, por exemplo, onde cada apresentação tem sua particularidade, mesmo que seja um grupo em excursão com o mesmo espetáculo.

É preciso que haja um vazio lógico para que aquele que olha a obra invista nela sua própria lógica e para que a obra, de fato, se realize no olhar daquele que a vê. Ela se torna, desse modo, a projeção direta da consciência do espectador, de sua lógica, de sua ética pessoal e de seu gosto. A obra deveria remeter, como que por *feed-back*, ao protótipo que o espectador traz de si. (LEVINE, apud LIZÉ, 1981, p. 17, apud SOULAGES, 2010, p. 201)

Esse vazio lógico tem espaço na composição do projeto e foi pensado em como os espectadores serão levados às fotos dessas mulheres desnudas e em como esse processo pode inferir no que ele traz de si e leva consigo ao final da contemplação dessas imagens. Quando se fala especificamente de estética do gênero na cultura T o que deve

definir esse rótulo? Por serem estudos em fases iniciais de exploração percebe-se as lacunas relacionadas à temática.

Constrói-se neste trabalho uma abordagem do tema com o intuito de ser passível de pesquisa e usado como referência em projetos que utilizem à temática LGBTQ+ na fotografia, estima-se assim que esta pesquisa estaria mais do que justificada se ela viesse se tornar uma espécie de prolegômeno. Soulages (2010, p. 343) diz que há essa falta que cria um desejo inextinguível de fotografia. A fotografia nos confronta então com o enigma do real. Ou melhor, ela é interrogação do real. Emerge ainda uma necessidade inerente de usar um arcabouço estético para justificar esse projeto.

Um dos seus fundamentos deve ser a análise racional da fotograficidade, isto é, daquilo que é especificamente fotográfico em toda fotografia possível. Ora, a fotograficidade caracteriza-se pela articulação surpreendente e única do irreversível e do inacabável, mas precisamente da irreversível obtenção generalizada do negativo e do inacabável trabalho com esse negativo. A fotografia é, portanto, a articulação da perda e daquilo que permanece (SOULAGES, 2010, p. 343).

Existe ainda um ponto bastante abordado por curadores e críticos quando se refere à poética<sup>31</sup> de uma obra ou de um conjunto de obras, aquela pedra filosofal procurada por curadores, artistas, críticos de arte, entre outros. Soulages (2010) complementa a definição acima de fotografia e estética falando sobre poética, mesmo quando, segundo ele, surge a dúvida de até que ponto a fotografia é uma semi-arte ou arte.

Essa poética pode repensar em seguida as próprias noções do ato fotográfico, da ação fotográfica e de metafotográfico. [...] Ela pode então compreender como e por que os fotógrafos se confrontam, e isso de maneiras diferentes, com o problema do mundo – mundo interno, mundo exterior e mundo fotográfico -, e como e por que alguns constroem uma obra crítica – crítica da realidade, das representações da realidade, da fotografia ou da arte em geral. (SOULAGES, 2010, p. 344).

Em TransLuz a poética é a possibilidade de ser e não ser o que é, é o fragmento de intimidade representado em preto-e-branco nas imagens, são pequenas expressões e gestos de um universo exclusivo e particular das travestis e transexuais que o espectador tem a oportunidade de observar, é a chance de descobrir um universo bastante conhecido, mas pouco explorado com a intimidade direcionada que as imagens podem

---

<sup>31</sup> Definimos aqui como estudo das obras, particularmente as narrativas, que visa esclarecer suas características gerais, criando conceitos que possam ser generalizados para o entendimento da construção de outras obras.

representar; direção essa que leva o outro para além dele e deixa em si o que vem do outro.

A estética geral da fotografia pode então tomar como objeto a arte fotográfica. Como uma coisa só adquire sentido em função das relações que mantém com as outras coisas, a arte fotográfica deve ser estudada em função de suas relações com as outras artes – relações de cocriação, de transferência, de referência, e de registro. Assim sendo, a querela relativa à fotografia chamada de plástica está ultrapassada. A fotografia em sua totalidade mostra, assim, estar no cerne da arte contemporânea. E até, de certa maneira, ser seu próprio cerne, pois a estética do registro demonstra que a fotografia desempenha aí um papel central. (Soulages, 2010, p 345)

Define-se, portanto, para este estudo referente à celeuma arte/fotografia, a estética pessoal do autor se mostra então de forma explícita, porém não necessariamente será recebida desta forma pelos diversos tipos de receptores da fotografia como produto final. Quem analisa as fotos traz consigo também sua visão de mundo e de estética e através dela criará novos signos e significados desta imagem.

Por conseguinte, ao se analisar uma fotografia, é necessário levar em conta que há um inevitável entrelaçamento entre fotógrafo, câmera e assunto, que irá sempre trazer diferentes visões do real, ou seja, o aspecto da imagem escolhido pelo fotógrafo está intimamente relacionado a sua subjetividade. [...] Essa subjetividade é proveniente de sua bagagem cultural, seu grau de sensibilidade e criatividade, inseridas em determinado momento histórico-social. A soma desses fatores subjetivos encontra-se presentes no processo de produção da imagem fotográfica, pois são os responsáveis pela motivação ao fotógrafo em registrar determinada imagem. (Kossoy, 1979, apud Correa, 2005, apud Maux, 2008, p. 52)

Entretanto, o resultado de um trabalho fotográfico tende a ser o conjunto de elementos que perpassam a visão de mundo do fotógrafo e o espectador destas imagens traz consigo essa mesma infinidade de construções pessoais na análise desta obra artística. Toda fotografia é o resultado do seu fotógrafo.

#### 4. Entre a “permissão” e a proibição

A pertinência dessa pesquisa baseia-se numa tendência na qual as artes visuais costumam ser cerceadas e seletas por regulamentações provenientes de diversos segmentos sociais (religião, ciência, política, entre outros), cabendo então o avigoro de uma das possíveis posições, funções artísticas, que é o de emergir questionamentos acerca de transformações sociais, no sentido de gerar provocações que conflitem e reposicionem a sociedade acerca da diversidade cultural do seu povo e de culturas longínquas, uma vez que a arte e os temas nela abordados não deveriam ser normativos a nenhum segmento social, não excluindo aí também nenhum tipo de cultura, mas abrindo espaço para os debates e os confrontos culturais.

A nudez na arte vem desde esculturas pré-históricas e persiste até os dias atuais como uma das formas de representação em diversas técnicas artísticas, e apesar de ser cerceada, resistiu até a períodos mais sombrios, como a Idade Média. Contudo, ela costuma não ser entendida com naturalidade e ainda gera discussão. Talvez as problemáticas relacionadas ao corpo nu surjam com o cristianismo e as associações com as noções teológicas como o pecado e a punição. Afinal, foi no livro de Gênesis da Bíblia que, após pecar, Adão e Eva finalmente se perceberam nus. [...] “Então abriram-se os olhos de ambos e viram que estavam nus” [...] (Gên. 3,7). Giorgio Agamben analisa essa relação entre a ausência de roupas e o pecado falando:

A nudez, a “nua corporeidade”, é o resíduo gnóstico irreduzível que insinua na criação uma imperfeição constitutiva e que se trata, em todo caso, de cobrir. E, no entanto, a corrupção da natureza, que agora veio à luz, não preexistia ao pecado, mas foi produzida por este. AGAMBEN (2014, p.100)

O corpo nu representado nem sempre é só uma celebração a padrões de beleza e, em alguns momentos, serve também para quebrar tabus, e a história da arte tem múltiplos exemplos. A escultura David de Donatello<sup>32</sup> foi apresentada ao mundo em 1430, feita em bronze representava a imagem de um jovem nu pisando sobre a cabeça de Golias. O

---

<sup>32</sup> Donato di Niccoló di Betto Bardi, chamado Donatello (Florença, 1386 - 1466) foi um escultor renascentista italiano. Trabalhou em Florença, Prato, Siena e Pádua, recorrendo a várias técnicas para a confecção de esculturas em baixo-relevo (tuttotondo, stiacciato) com o uso de materiais diversos como mármore, bronze e madeira.

historiador Lüdeking<sup>33</sup> afirma em entrevista ao site DW que "Essa obra era praticamente uma provocação, pois tinha claramente um fundo homoerótico". Exposto ou não como provocação, o corpo humano nu causou protestos ao longo da história. Já por volta de 1797, Francisco de Goya<sup>34</sup> pintou sua famosa obra *A Maja Nua*. A ousadia lhe custou um processo aberto pela Inquisição Espanhola.



FIGURA 44 e 45 – Donatello, David 1409 foto divulgação: Museo Nazionale del Bargello e Francisco de Goya *A Maja Nua*

Um dos maiores escândalos da história da arte talvez tenha sido causado em 1865, pela “*Olympia*” de Manet<sup>35</sup>. A obra foi considerada pelos conservadores vulgar e imoral. O pintor já tinha chocado a sociedade dois anos antes, com o quadro “*Almoço sobre a relva*”, que retrata uma mulher nua conversando com homens vestidos, que chegou a ser considerado por Napoleão III<sup>36</sup> um atentado ao pudor. A nudez como

---

<sup>33</sup> Karlheinz Lüdeking (1950) é um cientista e teórico de arte alemão. Ele é ex-reitor da Faculdade de Belas Artes e professor de história da arte e estudos de arte na Universidade de Artes de Berlim.

<sup>34</sup> Francisco José de Goya y Lucientes (Fuendetodos, 1746 — 1828) foi um pintor e gravador espanhol.

<sup>35</sup> Édouard Manet (Paris, 1832 — 1883) foi um pintor e artista gráfico francês e uma das figuras mais importantes da arte do século XIX, considerado por estudiosos de artes plásticas como um dos mais importantes representantes do impressionismo francês, embora muitas de suas obras possuam fortes características do realismo.

<sup>36</sup> Napoleão III (nascido Charles-Louis Napoléon Bonaparte; Paris, 1808 – 1873), foi o 1º Presidente da Segunda República Francesa e, depois, Imperador dos Franceses do Segundo Império Francês. Era sobrinho e herdeiro de Napoleão Bonaparte. Foi o primeiro presidente francês eleito por voto direto.

instrumento para contestar padrões sociais ganhou um novo impulso na década de 1960, com a performance. O corpo nu passou a ser uma arma, utilizada principalmente por mulheres, no protesto contra a dominação masculina, representações sexuais e desigualdades sociais.

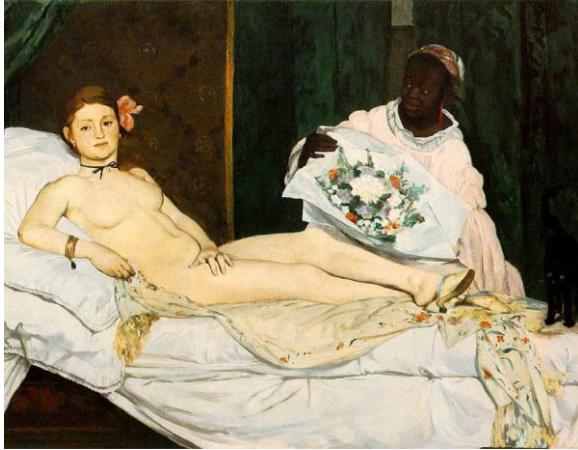


FIGURA 46 e 47 – Édouard Manet, Olympia, 1863 - Almoço Sobre a Relva, 1863 - foto divulgação: Museu d'Orsay, Paris

Em 2017 o Museu *d'Orsay*, em Paris, relançou uma campanha onde um dos slogans é "*Tragam seus filhos para ver gente nua*". A estratégia foi bem recebida pelos franceses. Em entrevista ao conglomerado francês de mídia RFI, a diretora de comunicação do museu, Amélie Hardivillier, disse que a relação com a nudez ainda causa debate, mas destacou que uma das funções da arte é justamente o questionamento. Entretanto no Brasil a relação da arte com a nudez parece estar na contramão da França, por exemplo, e mais próximo da Idade Média.

Pontuamos então alguns projetos que se tornaram notícia pelo uso da nudez, como a performance “Os Macaquinhos<sup>37</sup>” (2015), “DNA de DAN<sup>38</sup>” (2015), “La Bête<sup>39</sup>” (2016), esses três exemplos talvez mais icônicos na nossa história recente, mas que em

---

Entretanto, foi impedido de concorrer a um segundo mandato pela constituição e parlamento, organizando um golpe em 1851 e assumindo o trono como imperador no final do ano seguinte.

<sup>37</sup> A exploração do corpo – mais precisamente do ânus – é fator central na coreografia apresentada ao público que, segundo eles, busca “a transformação subjetiva do corpo em seu estado limite, através das ações contínuas de paquerar, cutucar, assoprar, procurar e tocar um o rabo do outro”.

<sup>38</sup> A ação dura de cinco a seis horas com o performer dentro de uma bolha plástica no qual ele 'troca de pele' diante dos espectadores. O trabalho de Maikon K situa-se entre performance e dança, teatro e ritual. O foco de sua pesquisa é o corpo como instaurador de realidades e matriz simbólica.

<sup>39</sup> É uma performance do coreógrafo brasileiro Wagner Schwartz. Em *La Bête*, o performista se apresenta nu e manipula a réplica de plástico de uma das esculturas dessa série, em seguida ele próprio se torna o “Bicho” e o público passa a voluntariamente manipular e articular seu corpo



uma pesquisa mais prolongada seria possível mapear inúmeras situações em que mais casos no qual o uso da nudez no contexto artístico foi cerceado. Nesse cenário, surge então a necessidade de analisar, no atual momento histórico, de que forma a nudez está sendo vista nas artes visuais e recebida pelos seus espaços de circulação e visibilidade e pelo público.

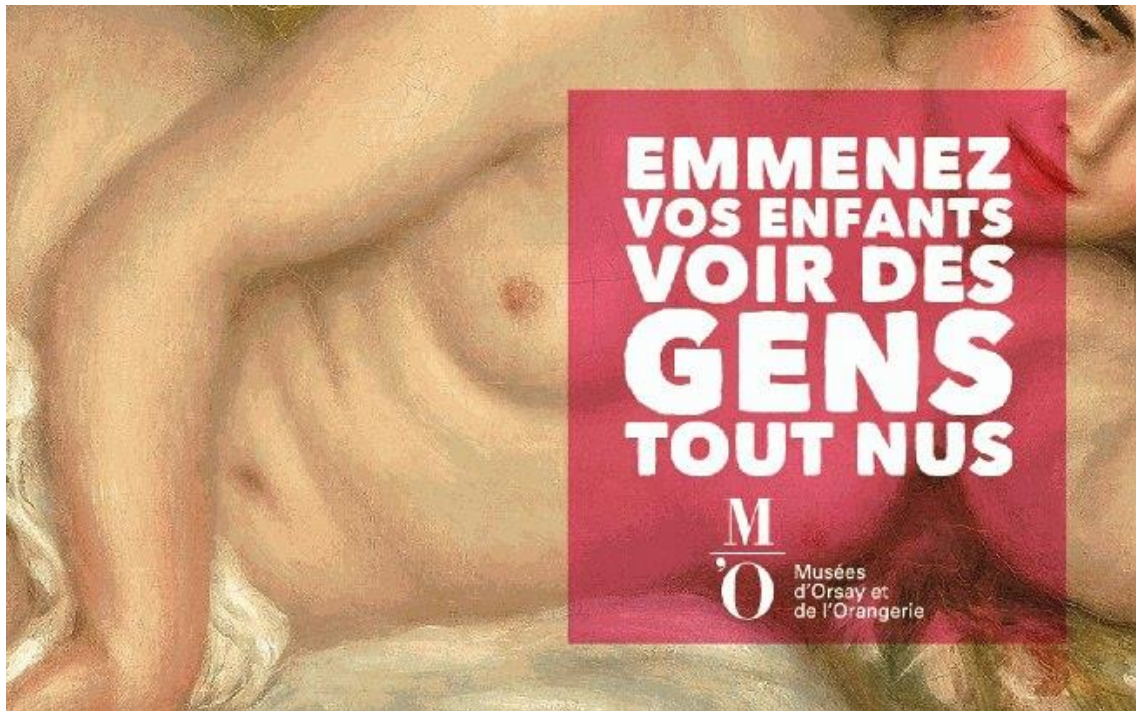


FIGURA 48 – Cartaz da campanha de divulgação do Museu D'Orsay



FIGURA 50 – Macaquinhos foto divulgação





FIGURA 51 – DNA de DAN foto: VictorTakayama/Flagcxiv



FIGURA 52 – La Bête foto divulgação

Políticos conservadores mostram uma consolidação e fortalecimento cada vez maior nos poderes legislativos e executivos, por serem os locais onde são elaboradas as leis que regulam municípios, estados, federação, além do Distrito Federal, e nota-se uma tendência crescente de impor diversas formas de censura às artes que tenham conteúdos que desagradem a essas pessoas/grupos que estão no poder, a grupos de interesses

associados a elas como igrejas neopentecostais, segmentos conservadores do catolicismo, entre outras instituições e segmentos sociais.

A constituição do nosso país, no artigo terceiro, trata sobre constituir objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil e especificamente no parágrafo quarto onde visa promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Com a divisão dos poderes existentes atualmente no Brasil temos apenas o judiciário que pode ser considerado como cumprindo e pensando na constituição e não em busca diretamente de interesses pessoais, e/ou de grupos. A exemplo da recente criminalização da homofobia no País, que já citamos no segundo capítulo e que é um dos poucos direitos atualmente conquistados por minorias.

Se a constituição diz que devemos pensar no país como um local sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, por que atualmente fazer arte neste país torna-se cada vez mais complicado, e ainda mais quando essa arte foge de padrões supostamente "clássicos"? Por que fazer arte que não afronte de alguma forma a sociedade ou grupos fundamentalistas se torna cada vez mais difícil? Por que os editais estão escassos e colocam regras proibitivas para expor determinadas obras? Um outro exemplo recente destes tipos de censura do atual governo liderado por Bolsonaro fez a secretaria de Cultura do estado de São Paulo colocar na programação um festival chamado “Verão Sem Censura” com previsão de ocorrer em janeiro de 2020.

De acordo com reportagem da Folha de São Paulo em 12 de outubro de 2019 o secretário de Cultura de São Paulo, Alê Youssef, tem batido de frente com a censura imposta pelo governo federal, ele que é conhecido por sua trajetória como produtor cultural, critica o que vê como atitudes de “criminalização do artista” por parte do atual governo. Ainda sobre a reportagem Youssef diz que o festival “Verão Sem Censura” em São Paulo acolherá, todas as peças de teatro que foram e venham a ser censuradas no país. O secretário diz que será uma resistência pró-ativa aos ataques que a classe artística tem recebido do governo federal e de instituições a ele vinculadas, como a Funarte e a Caixa Cultural. Em outubro de 2019, foi feito um primeiro teste para esse

festival anticensura. Vetada pela diretoria da Funarte, a peça “Res Publica 2023<sup>40</sup>”, do coletivo A Motosserra Perfumada, abriu temporada no Centro Cultural São Paulo, o CCSP, à convite da prefeitura.



FIGURA 53 – Elenco Res Publica 2023 – Priscila Padre/Divulgação

Na mesma matéria aparecem alguns exemplos de espetáculos que só neste ano já foram censurados, entres eles: “Abrazo”; O espetáculo da companhia Clowns de Shakespeare foi cancelado após estrear na Caixa Cultural do Recife em setembro; “Gritos” O espetáculo que tem uma travesti entre seus personagens, seria apresentado na Caixa Cultural de Brasília, mas foi suspenso; O mesmo tipo de censura por cancelamento de última hora sofreu “Caranguejo Overdrive” que havia sido programado pelo Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro. Os produtores dizem que não houve justificativa para o cancelamento; O mesmo tipo de censura que foi imposto sobre o a peça “Res Publica 2023”.

---

<sup>40</sup> O espetáculo narra a vida de minorais em meio a um Brasil distópico e fascista de 2023 e foi impedido de ocupar um espaço na Funarte pelo diretor do Centro de Artes Cênicas do órgão, Roberto Alvim. O diretor disse que a peça possuía “apenas um discurso político”, além de afirmar que não havia “estética” nela.





FIGURA 54 – Elenco da peça Abrazo, Imagem: Reprodução/Facebook/Clowns de Shakespeare



FIGURA 55 – Gritos, Imagem divulgação



FIGURA 56 – Fellipe Marques (na frente), Carolina Virguez e Matheus Macena, em cena de 'Caranguejo Overdrive' Foto Divulgação

Quando Foucault fala no livro “*Vigiar e Punir*” (1975, p.17) que “uma execução que atinja a vida mais do que o corpo” tendemos a fazer uma comparação com as atitudes aparentemente sórdidas desse atual momento no país. Em um projeto como Transluz, que trata sobre travestis e transexuais, tendo em sua maioria pessoas negras, e usa da nudez em diálogo com processos de construção da identidade feminina em todas as nuances de feminilidades que a categoria gênero, enquanto construto histórico e transitório, pode oferecer não seria diferente. Para além disso, o projeto visa trazer à tona a discussão sobre os processos culturais e sociais que fazem uma representação do feminino, quando associado ao marcador de raça, ser considerada normativa em detrimento de outras que, por sua vez, são destinadas à um lugar obscuro e invisível na sociedade. Posto isso, a nudez é trazida como forma de quebrar paradigmas com relação à representação dos corpos, trazendo um contraponto para que invisibilidade das mulheres transexuais seja ressignificada através de um revelar-se de forma explícita e real.

Para ilustrar as constantes tentativas de censura sobre trabalhos que envolvem nudez: no fim do primeiro semestre de 2019 o projeto TransLuz foi aprovado em um

edital do Centro Cultural da UFMG<sup>41</sup> e na montagem da primeira exibição solo em terras sudestinas<sup>42</sup> uma recomendação que o fotógrafo/produtor ouviu de uma funcionária do local foi que as fotos mais “explícitas”, ou seja, alguma que pelo menos sugerisse mostrar genitália (porque no projeto nenhuma foto mostra genitália claramente) deveria estar no fim da parede, ser a última obra. O espaço já era no fim de um corredor, no segundo andar, com pouco acesso do público por estar “mais escondido” dentro do prédio. Outra “solicitação” era que deixar as obras produzidas em lambe-lambe, que tem dimensões maiores ficassem viradas de costas para a entrada da sala em totens que formavam uma parede extra na sala. Cabe o destaque para que essas mudanças todas foram realizadas depois do envio pela instituição do projeto expográfico, ficamos sabendo delas durante a execução da montagem.



---

<sup>41</sup> O projeto esteve exposto no local no período de 03/05 a 30/06/2019 selecionado dentro das Chamadas Públicas 007/2018 (Projeto Galerias - Artes Visuais) e 008/2018 (Projeto Galerias - Experimentação da Imagem);

<sup>42</sup> O projeto já tinha participado em coletivas na região, por exemplo, em exposição na galeria TransArt em São Paulo em 2016;



FIGURA 57, 58 e 59 – Projeto expográfico recebido por email









FIGURA 60, 61, 62 e 63 – Exposição já mantada no dia do vernissage - Foto: Wagner Pina

Essas interdições, muitas vezes causadas por medo de represálias de algumas instâncias formais, tanto públicas quanto privadas, vêm sendo feitas como tentativas de coibir a valorização e o empoderamento de minorias historicamente inferiorizadas e que continuam sendo alvo de discursos políticos e religiosos de ódio, por serem entendidas como formas inferiores e não legítimas de existência. Privar nosso trabalho é uma forma de tentar coibir que existimos, não só enquanto artistas com voz, mas em especial como minorias e o grupo LGBTQ+ do qual faço parte sempre foi um alvo declarado do atual governo. Nos censurar ou podar é como ceifar nossas vidas, e concomitante a isso, temos uma boa parcela da sociedade que apoia esse tipo de atitude, não só fazendo denúncias e motins, mas pressionando políticos, empresas, marcas, etc.

Na virada cultural que aconteceu em Belo Horizonte em 2019 o prefeito da cidade, Alexandre Kalil (PSD) cancelou a apresentação do espetáculo “Coroação da Nossa Senhora das Travestis” que já estava na programação. Através de uma mensagem em redes sociais o prefeito “tuitou” dizendo: “Defendo todas as liberdades. Sou católico, devoto de Santa Rita de Cássia. Fiquem tranquilos, ninguém vai agredir a religião de ninguém. Isso não é cultura”. E logo em seguida continuou: “Estou comunicando que o evento está cancelado”. O cancelamento da peça atende entre outros a uma petição online assinada por mais de 15 mil pessoas, o documento solicita a Kalil a anulação do evento por considerá-lo uma blasfêmia e afronta contra os cristãos. A Academia

TransLiterária criadora do espetáculo lançou nota nas redes sociais na ocasião comunicando:

O poder que as artes têm de mudança de realidade social. (sic) É forte para nós da Academia TransLiterária ao longo desses quase três anos existência nos olhamos cara a cara e ver quem fomos, onde estávamos e quem nos tornamos após o início desse coletivo. [...] Se a referência de base são alguns símbolos religiosos, por outro lado não se trata de substituir nenhum deles por essa nossa imagem. Menos ainda trata-se de negar a fé alheia. Não é a Senhora Mãe de Jesus aqui, mas uma Outra Senhora, a nossa travesti, moça que é diariamente excluída do convívio social (olhada com horror e desdém), do mundo da arte e da cultura (condenada a nunca ter ideias ou opiniões), da economia (restando-lhe só a prostituição), das ruas (salvo as esquinas dessa mesma prostituição) e da religião (como se não fosse parte de um mistério maior da vida). [...] Coroação de Nossa Senhora das Travestis: um atraque literário é, portanto, uma celebração da potência que vive em cada travesti. Mas é também um encontro com todas as outras potências de todas as outras pessoas ali presentes, sejam trans, cis, hétero, homo, não binárias, intersexo ou como se identificam e seguem suas existências. Não queremos propor e nem mudar nenhuma religião. Não se trata de religião. Há aqui apenas um aspecto religioso no encontro com todos em volta de nós: a ideia de religar as pessoas, de coração aberto e na alegria.



FIGURA 64 – Coroação da Nossa Senhora das Travestis - Foto: Joyce Romie

São vários casos de censura, e eles acontecem cada vez com mais frequência em diversas partes do país. Em janeiro de 2020 em Eusébio, na Grande Fortaleza no estado do Ceará, o secretário de Cultura, Léo Abreu, foi afastado do cargo após exibição de um evento, no qual alguns atores seminus, com apoio da prefeitura. Mas se questionamos se eles deturpam a lei de alguma forma a resposta será um não! Os integrantes do grupo *Erotic Circus Show* emitiram nota de repúdio contra a exoneração do secretário de acordo com reportagem do G1 e entre outras coisas na nota os produtores denunciam "censura" e "preconceito" na decisão do gestor e criticaram "as informações deturpadas sobre a apresentação do espetáculo na tentativa de desqualificar" a performance, "gerando comentários ofensivos e criminosos".

Para o prefeito de Eusébio, Acilon Gonçalves (PR), houve "deturpações graves" que acabaram "ferindo a ética, os princípios religiosos e moral" (sic). "Assumo totalmente o controle da Secretaria de Cultura para investigar o porquê de ter acontecido isso", disse o gestor. O grupo se apresentou como parte da programação da 20ª Convenção Brasileira de Malabarismo e Circo. Com classificação indicativa de 18 anos, trechos do espetáculo viralizaram nas redes sociais por ter cenas dos atores seminus. "Nosso coletivo é contra qualquer forma de censura, LGBTfobia, racismo e qualquer outro tipo de preconceito, e declara também total apoio à diversidade e à produção do evento", afirma o *Erotic Circus Show*, em nota.



FIGURA 65 – Erotic Circus Show – Foto Breno Edon/Divulgação

#### **4.1 Conservadora e cristã**

Percebe-se claramente que a estrutura adotada pelo regente do país é baseada em uma espécie de “caça às bruxas<sup>43</sup>” da modernidade. Em vez de usar os métodos medievais de execução de bruxas condenadas, tais como enforcamento, afogamento e queima na fogueira o atual governa pratica outro tipo de males físicos e psicológicos os quais Foucault fala bem no livro *Vigiar e Punir* que detalharemos no decorrer desse capítulo.

Essa forma de fazer política é algo que o presidente nunca fez questão de desmentir, pelo contrário. Jair Bolsonaro em agosto fez críticas a filmes com discurso LGBTQ+ que buscavam autorização da Ancine (Agência Nacional do Cinema) para captar recurso pela Lei do Audiovisual. Durante uma transmissão em vídeo em uma rede social, ele disse que “garimpou” e vetou produções que envolvem esses temas. Ele disse ainda que teria “degolado tudo” se a Ancine “não tivesse, em sua cabeça toda,

---

<sup>43</sup> A caça às bruxas foi um movimento de perseguição religiosa e social de origem protestante iniciado no século XV, atingindo seu apogeu nos séculos XVI a XVIII, principalmente na Alemanha, Escandinávia, Inglaterra, Escócia, Suíça e, em menor escala na Polônia, Rússia, Finlândia, Islândia, Irlanda, França, Portugal, Itália, Áustria e Império Espanhol.

mandatos”. Em seguida, Bolsonaro passou a listar algumas das obras. Caso de Transversais, sobre as dificuldades de cinco transgêneros que moram no Ceará.

Allan Deberton um dos diretores de Transversais disse sobre o ocorrido o seguinte: “O presidente escolhe o que ele quer e o que não quer. Isso é indício de censura”. Outra produção, Afronte, fala da realidade de negros homossexuais que vivem no Distrito Federal. Na mesma ocasião o presidente disparou “Olha, a vida particular de quem quer que seja, ninguém tem nada a ver com isso. Mas fazer um filme sobre a realidade vivida por negros no Distrito Federal não dá para entender. Mais um que foi para o saco”. Teria esse senhor eleito para comandar o país qualificação técnica e disponibilidade de tempo, pago pelos contribuintes, para selecionar obras cinematográficas?



FIGURA 66 – Cena do filme Transversais – Imagem Reprodução



FIGURA 67 – Cena do filme Afronte – Imagem Reprodução



Por falar em Ancine no dia 29 de novembro de 2019, de acordo com matéria publicada pela Revista Veja, mais de 100 quadros com pôsteres de filmes nacionais foram retirados do prédio do órgão e levados para um depósito no centro do Rio de Janeiro. As molduras estavam desde 2002 nas áreas comuns da agência. Também foram apagados do site da Ancine todos os pôsteres de lançamentos brasileiros. O órgão negou que a medida foi tomada para retaliar filmes que expressam posições políticas contrárias ao governo de Jair Bolsonaro. No início de dezembro do mesmo ano a Secretaria de Gestão Interna vetou a exibição do filme “A Vida Invisível”, do diretor Karim Aïnouz, para servidores da agência, entre as atrizes que atuam no filme está Fernanda Montenegro, que foi xingada de “podre” e “mentirosa” pelo então secretário de Cultura, Roberto Alvim.



FIGURA 68 – Cena do filme A vida invisível, com Fernanda Montenegro (foto) – Imagem Reprodução

A cultura no atual governo é alinhada com o perfil ideológico cristão e conservador. A Secretaria de Cultura, que herdou a estrutura do antigo Ministério da Cultura, extinto pelo atual presidente, foi transferida para o Ministério do Turismo. O então secretário da Cultura Roberto Alvim<sup>44</sup>, disse, em um discurso em novembro de 2019, durante reunião

---

<sup>44</sup> Um pouco mais a frente falaremos sobre a demissão do mesmo, no momento que escrevíamos essa pesquisa ele era o secretário e logo após foi exonerado.

na Unesco em Paris, que a arte brasileira se transformou "em um meio para escravizar a mentalidade do povo em nome de um violento projeto de poder esquerdista".

Em agosto, o então secretário Henrique Pires foi demitido do cargo após polêmica envolvendo filmes com temática LGBTQ+. Na ocasião, Pires afirmou que preferia sair a “bater palma para censura”, após discordar da suspensão de um edital para a TV pública com tema dedicado a produções sobre diversidade de gênero. Em reportagem publicada no site Exame em novembro de 2019 um poderoso produtor comentou ao jornal O Estado de São Paulo, sob a promessa de anonimato o seguinte: “Projetos que tratam de assuntos como diversidade cultural ou mesmo que tenham artistas trans terão mais chances de serem vetados com essa nova administração”, ele ainda completa dizendo que “Além da dificuldade em conseguir aprovação para as leis de incentivo, esse mesmo projeto terá dificuldade em obter patrocínio, pois muitas empresas temem associar sua marca a produtos que não agradam ao governo.”

O comentário acima, ainda de acordo com a reportagem, refere-se principalmente à mudança na Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura, órgão que dita as diretrizes gerais dos mecanismos de fomento, como a Lei Rouanet. O novo responsável é Camilo Calandrelli, professor e cantor de ópera e um dos fundadores do Simpósio Nacional Conservador de Ribeirão Preto. “Ele é do meio artístico, entende dos problemas da área, mas têm uma visão conservadora, o que deverá refletir na escolha de projetos com conteúdo mais conservador”, continua o produtor.

Cabe ainda mencionar, no mesmo âmbito, os nomes que tomaram posição na cultura, entre eles o de Katiane de Fátima Gouvêa nova secretária do Audiovisual; o jornalista Sérgio Nascimento de Camargo nomeado novo presidente da Fundação Palmares, órgão responsável pela promoção da cultura de matriz africana. Pouco tempo depois o juiz Emanuel José Matias Guerra, da 18ª Vara Federal do Ceará, determinou a suspensão da nomeação, em uma ação movida por um advogado.

De acordo com uma reportagem Guerra afirmou que há "diversas publicações" feitas por Sérgio Nascimento que têm o "condão de ofender justamente o público que deve ser protegido pela Fundação Palmares". O governo recorreu da determinação do juiz, mas ainda não houve decisão judicial sobre o recurso. A nova secretária de Diversidade Cultural Janicia Ribeiro Silva que está ligada a uma empresa chamada Associação Cristã de Homens e Mulheres de Negócios; o doutor na área econômica

Reynaldo Campanatti Pereira assume a secretaria da Economia Criativa entre outras nomeações que podem ser consideradas no mínimo estranhas para as posições que ocupam.

Ao analisar uma conjuntura de nomes tão radicais para pastas que deveriam ser amplas e ter como meta atingir o máximo de pessoas e serem de certa forma libertadoras imediatamente fazemos paralelos com a obra de Foucault *Vigiar e Punir* que usamos como base teórica para esse estudo: fica evidente que é uma forma punitiva que o governo usa contra as artes que para ele estão associadas diretamente a um grupo político contrário ao seu e que independente de uma negociação democrática aplica punições e fecha a porta para diálogos que sejam contrários aos pensamentos deste grupo, algo que, desde o tempo da ditadura militar no Brasil, não presenciamos.

O doutor em Ciências Políticas Rogério Tineu relembra em entrevista que “no período da redemocratização, uma grande conquista para a cultura foi sua desvinculação do Ministério da Educação. Agora, ela, além de perder sua condição de Ministério, é submetida a um outro”, e complementa falando que esse movimento não é isolado da postura federal diante da arte “o governo brasileiro, na atualidade, mostra com suas atitudes que trata a cultura com forte viés ideológico e religioso”. Podemos citar Foucault e fazer um paralelo quanto a necessidade do governo em constituir uma “escravidão civil”.

Quem for contrário a qualquer opinião ou conceito do atual governo está completamente exilado de possibilidades de existir com apoio público ou em muitos casos privados, já que empresas evitam ser contrárias ao governo, afinal estamos cientes que vivemos em uma sociedade capitalista, separada por classes, e que a classe dominante tende a apagar as diferenças sociais, criando um discurso de coletividade naturalmente humana.

Quando se trata de arte que possa falar sobre minorias em especial os LGBTQ+ e ou que use da nudez percebe-se que a vigilância pode ser ainda maior. Trevisan (2018, p.17) no seu livro “Devassos no Paraíso” pode nos dar uma ideia de como esses pensamentos surgem ao falar sobre a origem da exclusão de homossexuais na sociedade: “Além de ser inútil para a reprodução da espécie, a pratica homossexual solaparia a família (em cujo seio se geram os novos consumidores) e seus padrões ideológicos (cuja ordem é consumir)”. O autor complementa mais à frente no seu texto



como o capitalismo em dado momento execrou e criou condições sócio culturais que dificultam até hoje a vida dos LGBTQ+:

A partir do final do século XX, o vácuo político-ideológico, a crise do capitalismo e a recrudescência dos credos religiosos institucionalizados criaram terreno fértil para as execrações morais, insufladas por um milenarismo de olho no capital. E a homossexualidade foi alvo fácil de um novo fundamentalismo político-empresarial – que a tornou bode expiatório da generalizada crise de esgotamento moral daqueles dias e, assim, uniu bancadas políticas díspares de evangélicos, ruralistas e católicos contra a “decadência moral”. Sobretudo após a derrocada do sistema político comunista, difundiram-se e se radicalizaram as regras de consumo nas sociedades de economia globalizada, tornando hegemônicas as leis de mercado no mundo todo. Importava mais do que nunca o consumo, de modo que a própria moral passou, em certa medida, a depender do mercado... (TREVISAN, 2018, p.17-18)

Essas bancadas chamadas atualmente de “BBB” referência a bíblia, boi e bala, recebem cada vez mais apoio de classes populares que, nesse apego à ideia de classe não se reconhece mais como classe e sim como conglomerado ideológico religioso (neopentecostais e outros). Fazer um trabalho artístico como o nosso tem como função, dentre outras instaurar a contradição, Ernst Fischer já falava bem sobre isso quando lançou em 1959 seu livro *A função da Arte*:

No mundo alienado em que vivemos, a realidade social precisa ser mostrada no seu mecanismo de aprisionamento, posto sob uma luz que devesse a “alienação” do tema e dos personagens. A obra de arte deve apoderar-se da plateia não através da identificação passiva, mas através de um apelo à razão que requeira ação e decisão (1973 p.15).

O autor acrescenta o seguinte:

Podemos concluir que, com evidência cada vez maior, a arte em sua origem foi magia, foi um auxílio mágico à dominação de um mundo real inexplorado. A religião, a ciência e a arte eram combinadas, fundidas, em uma forma primitiva de magia, na qual existiam em estado latente, em germe. Esse papel mágico da arte foi progressivamente cedendo lugar ao papel de clarificação das relações sociais, ao papel de iluminação dos homens em sociedade que se tornavam opacas, ao papel de ajudar o homem a reconhecer e transformar a realidade social. Uma sociedade altamente complexificada, com suas relações e contradições sociais multiplicadas já não pode ser representada à maneira dos mitos. [...] A predominância de um dos dois elementos da arte em um momento particular depende do estágio alcançado pela sociedade: algumas vezes predominará a sugestão mágica, outras a racionalidade, o esclarecimento; algumas vezes predominará a intuição, o sonho, outras o desejo de aguçar a percepção. Porém, quer embalando, quer despertando, jogando com sombras ou trazendo luzes, a arte jamais é

uma mera descrição clínica do real. Sua função concerne sempre ao homem total, capacita o "Eu" a identificar-se com a vida de outros, capacita-o a incorporar a si aquilo que ele não é, mas tem possibilidade de ser. Mesmo um grande artista didático, como Brecht, não se serve apenas da razão e da argumentação: serve-se também do sentimento e da sugestão (1973, p. 19).

## 4.2 Coincidência retórica

Ao falarmos sobre a importância da pluralidade e o perigo de um conservadorismo acabar com a diversidade impondo limites sobre o que pode ou não ser socialmente aceito no campo artístico é pensando principalmente na importância que a arte nos dá sobre o entendimento de um mundo mais amplo, uma forma importantíssima de diálogo entre povos. A arte entre outras coisas nos dá subsídios para compreender melhor a vida e pode nos proporcionar a união da nossa racionalidade com a nossa emoção. Porém, é incrível o nível de aceitação que alcançou o discurso do risco de uma "ditadura gay" ou a ideia de que hoje em dia é "pouca vergonha" ver tantas pessoas LGBTQ+ ocupando espaços. Sim existimos e estamos cada vez mais politizados e ganhando espaço social, porém são avanços ainda pouco significativos, apesar de importantes. João Silvério Trevisan alerta para isso:

A fragilidade dessa "aceitação" fica evidente se lembrarmos que o consumismo das sociedades industriais é autofágico: assim com o quadro político-econômico baseia-se no oportunismo do lucro, o consumo funciona como uma faca de dois gumes. Nesse sentido, não era contradição, mas corolário lógico, que uma bancada rica e poderosa como a dos evangélicos representados no Congresso Nacional impusesse à nação brasileira propostas reacionárias que deveriam ter sido consideradas historicamente superadas, por sua clara inspiração sectária e antidemocrática. No caso de muitas religiões neopentecostais, por exemplo, o controle moral estava firmemente ancorado numa mentalidade voltada para o lucro material, por mais impensável que isso possa parecer, considerando o puritanismo dos pentecostais históricos. Veja-se o caso da Igreja Universal do Reino de Deus: a mediação com o divino passa pela troca de favores ("Deus lhe dará em dobro o que você der para sua igreja") e pelo firme controle moral ("tire o demônio de dentro de você"), que chega a se processar através de exorcismos públicos. Assim em nome de um novo consumo – agora religioso -, a homofobia compareceu, com redobrada virulência, através desses empresários da fé e da moral. (2018, p.18-19)

Na segunda metade do mês de janeiro de 2020 postado pela Secretaria Especial da Cultura do governo Bolsonaro nas redes sociais um vídeo do então secretário de cultura Alvim com quase dez minutos de duração anunciando o Prêmio Nacional das Artes. O que foi apresentado tem um tom bizarro e de referência direta ao nazismo que reforça

mais uma vez a postura do governo sobre artes e cultura. É importante: momentos antes, do lançamento do vídeo institucional, o presidente Bolsonaro fez uma *live* nas redes sociais apresentando o secretário e dizendo:

Ao meu lado, aqui, o Roberto Alvim. O nosso secretário de Cultura. Depois de décadas. Agora temos, sim, um secretário de Cultura de verdade. Que atende o interesse da maioria da população brasileira. População conservadora e cristã. Muito obrigado por ter aceitado essa missão. Você sabia que não ia ser fácil. (trecho retirado de *live* feita pelo presidente Bolsonaro em 16 de janeiro de 2020)



FIGURA 69 – Frame de *live* realizada pelo presidente Jair Bolsonaro, com o ministro da educação Abraham Weintraub (a direita) e o (no momento) secretário de cultura Roberto Alvim (a esquerda do presidente) seguido de interprete de libras – Imagem Reprodução

No vídeo Roberto Alvim fez citações usadas pelo nazista Joseph Goebbels<sup>45</sup>, e não só isso a música utilizada é do compositor Richard Wagner<sup>46</sup>, reverenciado por nazistas e a estética das imagens, a aparência do secretário, o modo de falar e as palavras utilizadas remetem diretamente as propagandas dos apoiadores de Hitler.

---

<sup>45</sup> foi um político alemão e Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista entre 1933 e 1945. Um associado e devoto apoiante de Adolf Hitler, ficou conhecido pelas suas capacidades oratórias em público e pelo seu profundo e fanático anti-semitismo, e sua crença na conspiração internacional judaica que o levou a apoiar o extermínio dos judeus no Holocausto.

<sup>46</sup> foi um maestro, compositor, diretor de teatro e ensaísta alemão, primeiramente conhecido por suas óperas (ou "dramas musicais", como ele posteriormente chamou). A música utilizada por ele no vídeo do secretário veio da ópera "Lohengrin", uma obra que Hitler contou em sua autobiografia ter sido decisiva em sua vida.

Com base no livro "*Goebbels: a Biography*", de Peter Longerich, observemos esse trecho atribuído a fala do ministro de cultura e comunicação de Hitler em um pronunciamento para diretores de teatro: "A arte alemã da próxima década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande páthos e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada". Já o secretário Alvim declamou no vídeo postado nas redes sociais o seguinte discurso: "A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes de nosso povo, ou então não será nada".

O pronunciamento de Alvim foi gravado em uma sala que tem o retrato do presidente Jair Bolsonaro ao fundo, a bandeira brasileira de um lado e uma cruz do outro. Ele começa citando um pedido do presidente: "que a cultura não destrua e sim salve a juventude brasileira". Em seguida diz:

"A Cultura é a base da Pátria. Quando a Cultura adoece, o povo adoece junto. E é por isso que queremos uma Cultura dinâmica e, ao mesmo tempo, enraizada na nobreza dos nossos mitos fundantes. A Pátria, a família, a coragem do povo e sua profunda ligação com Deus, amparam nossas ações na criação de políticas públicas. As virtudes da fé, da lealdade, do autossacrifício e da luta contra o mal serão alçados ao território sagrado das obras de Arte." (vídeo publicado nas redes sociais da secretaria de cultura em 19 de janeiro de 2020, extraído da rede social oficial do governo)



FIGURA 70 e 71 – Frame do pronunciamento do então secretário de cultura Roberto Alvim e Imagem do nazista Joseph Goebbels – Imagem Reprodução

Logo após repercussão sobre o texto ser bastante análogo ao da propaganda nazista, o secretário classificou as semelhanças de seu discurso com o de Goebbels como uma "coincidência retórica" mas defendeu que "a frase em si é perfeita". A embaixada da Alemanha lançou nota na qual diz se opor a tentativa de banalizar ou glorificar nazismo, a Confederação Israelita diz que “discurso nazista” de Alvim é inaceitável. Em postagem feita no seu perfil pessoal no Facebook ele disse:

O que a esquerda está fazendo é uma falácia de associação remota: com uma coincidência retórica em UMA frase sobre nacionalismo em arte, estão tentando desacreditar todo o PRÊMIO NACIONAL DAS ARTES, que vai redefinir a Cultura brasileira... é típico dessa corja. repito: foi apenas uma frase do meu discurso na qual havia uma coincidência retórica. eu não citei ninguém. e o trecho fala de uma arte heroica e profundamente vinculada às aspirações do povo brasileiro. não há nada de errado com a frase. todo o discurso foi baseado num ideal nacionalista para a Arte brasileira, e houve uma coincidência com UMA frase de um discurso de Goebbles... não o citei e JAMAIS o faria. foi, como eu disse, uma coincidência retórica. mas a frase em si é perfeita: heroísmo e aspirações do povo é o que queremos ver na Arte nacional.

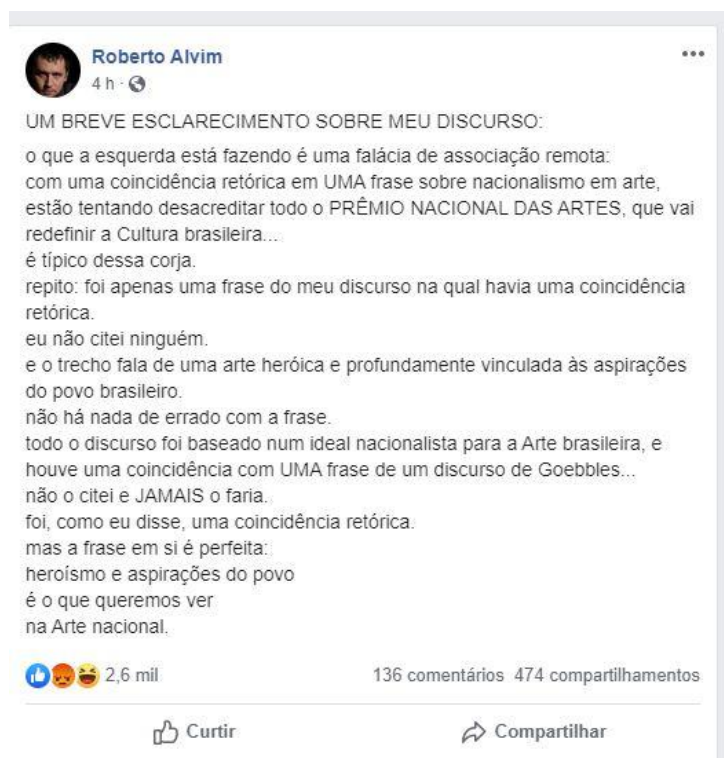


FIGURA 72 – Postagem feita pelo agora ex-secretário de cultura no seu perfil pessoal no Facebook – Imagem Reprodução

Menos de vinte e quatro horas depois da publicação do vídeo de Alvim parafraseando Goebbels, a secretaria especial da Cultura informou, por meio de sua assessoria de imprensa, que o secretário Roberto Alvim tinha sido desligado do cargo.

O presidente da república ainda postou na sua conta pessoal no Twitter o seguinte: “Comunico o desligamento de Roberto Alvim da Secretaria de Cultura do Governo. Um pronunciamento infeliz, ainda que tenha se desculpado, tornou insustentável a sua permanência”. Mas a pergunta que fica é se ele foi demitido por ser descuidado e exibicionista ou por ser nazista? Ele faz parte de um plano? É mais uma peça desse governo de extrema direita que estamos vivenciando enquanto fazemos essa pesquisa.

Vivemos em uma sociedade dividida por grupos/classes e historicamente aquela que domina, e vem dominando em grande parte da nossa história, continua lutando para manter seus privilégios (no caso aqui associamos ao homem cisgênero, branco, cristão e economicamente abastado) portanto, só haverá mudança se a classe dominada lutar para modificar essa realidade. O cientista alemão Ernst Otto Fischer, Prêmio Nobel de Química corrobora com seus estudos falando o seguinte:

É verdade que a função essencial da arte para uma classe destinada a transformar o mundo não é a de fazer mágica e sim a de esclarecer e incitar à ação; mas é igualmente verdade que um resíduo mágico na arte não pode ser inteiramente eliminado, de vez que sem este resíduo provindo de sua natureza original a arte deixa de ser arte (FISCHER, 1973: 20).

Mas é bom esclarecer sobre esse poder com o pensamento de Foucault que:

Temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais que se possui, que não é o “privilégio” adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto das suas posições estratégicas – efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados. Esse poder, por outro lado, não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição, aos que “não têm”; ele os investe, passa por eles e por meio deles; apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança. (1975, p. 30)

Por mais estarrecedor que possa parecer todo esse grande quadro, e o é, cabe buscarmos estratégias pelo menos de criação para registrar esse momento, afinal apesar de tudo, teoricamente, ainda existe democracia e é possível ter fala. Citando Foucault (1975, p. 30) “a derrubada desses ‘micropoderes’ não obedece, portanto, à lei do tudo ou nada; ele não é adquirido de uma vez por todas por um novo controle dos aparelhos

nem por um novo funcionamento ou uma destruição das instituições”. É importante resistir e ser resiliente em todo esse processo político e social atual.

A cultura é um fator de poder econômico, de desenvolvimento social e humano, mas só recentemente na história começa a ser apropriadamente explorada. Esse desenvolvimento do setor cultural vem acontecendo com maior ênfase desde a aprovação da primeira lei focada no abatimento do incentivo fiscal para a cultura, Lei Sarney (Lei n. 7.505) em 1986. Um dos méritos da Lei Sarney foi:

Semear entre os empresários a ideia de vinculação de sua marca a um bem cultural como forma de comunicação da empresa, bem como de apresentar aos governantes a possibilidade de viabilizar as produções culturais através das leis de incentivo. (OLIVIERI, 2004, p. 72)

No governo do Presidente Collor surge a Lei n. 8.313/91, bastante conhecida no setor de cultura como a Lei Rouanet<sup>47</sup>, que instaurou o Programa Nacional de Apoio à Cultura. Outra Lei que vale o registro é a Lei do Audiovisual<sup>48</sup>, Lei n. 8.685 no governo de Itamar Franco. Como se observa são leis de certa maneira recentes, e que geraram movimentos culturais a partir dos anos de 1980 ao colocar a cultura com uma dimensão correlacionada ao desenvolvimento social, econômico e humano.

A importância e incentivo público respaldado em leis é tamanho. Quando analisamos a movimentação de recursos financeiros no país relacionados à cultura observa-se entre os anos de 1993 a 2012 um aumento de quase 60 vezes se falando só em Lei Rouanet, a mesma apontada pelo atual governo como grande inimigo. Em abril de 2019 o presidente fez transmissão ao vivo no Facebook, falando sobre mudanças na Lei. Estabeleceu o limite de captação de recursos pela Lei Rouanet será reduzido de R\$ 60 milhões para R\$ 1 milhão por projeto. Bolsonaro classificou a legislação, uma das principais formas de incentivo à cultura nacional, como uma “desgraça” usada para cooptar defensores de governos passados.

---

<sup>47</sup> A Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991) é a lei que institui políticas públicas para a cultura nacional, como o PRONAC - Programa Nacional de Apoio à Cultura. Essa lei é conhecida também por Lei Rouanet (em homenagem a Sérgio Paulo Rouanet, secretário de cultura de quando a lei foi criada).

<sup>48</sup> Lei cuja finalidade primeira foi estimular a produção cinematográfica brasileira mediante aquisição de cotas de comercialização de filmes no mercado de capitais

## Conclusão

Estar apto à disponibilidade de compreender o que a sociedade pode usufruir culturalmente é um trabalho bastante complexo e árduo. Quando se fundem os papéis de ser o agente e o ator deste processo as complicações podem ser ainda mais elevadas. Todavia, a possibilidade de se expressar artisticamente e de gerir esse processo torna-se um deleite quando o objetivo de alcançar não o todo, mas alguma pessoa neste processo acontece. Percebe-se neste momento que o trabalho almejado pelo pesquisador e pelo fotógrafo foi alcançado.

Uma das lições desse projeto é o desejo gritante dessas pessoas travestis e transexuais de serem legitimadas como mulher e em sua maioria com orientação sexual definida como heterossexual, que sofrem de transfobia na maior parte do seu cotidiano. TransLuz e a vida das travestis e transexuais estão definitivamente ligadas à do fotógrafo não só pelo projeto, mas também por empatia. Afinal o que está em jogo não é só o direito (e até a própria vida e integridade das pessoas “T” da sigla LGTBQ+), mas a própria liberdade, e a democracia como sistema de organização social. Não só o direito a serem e se expressarem, mas o próprio direito de “todes” nós, como artistas e como pessoas a nos expressarmos e sermos de formas diversas que coexistem no respeito e na mútua aceitação dessas diferenças

TransLuz mais do que um trabalho artístico busca ser uma forma de debate, de inclusão de minorias na pauta de pelo menos as pessoas que conseguirem chegar a alguma exposição, pesquisa ou qualquer desdobramento e que tenham a possibilidade de refletir sobre o outro e suas necessidades. Afinal “o poder não é coisa que alguém tem em detrimento do outro. Deve-se interpretá-lo como uma multiplicidade de correlações de força internas aos campos sociais” (Foucault, 1985, apud, Bento, 2006, p. 62).

Se a arte tem a força para tornar a sociedade um lugar mais amplo e aberto, sem dúvida esse projeto tem a intenção de colaborar para uma qualidade de vida melhor de sua comunidade. TransLuz é um projeto que faz história na minha vida, não só como pesquisador, como artista, como pessoa, como amigo, mas acima de tudo como desvio ao egoísmo pessoal de observar o mundo ao redor. Esta é a magia da arte, nos levar para lugares que nem por um instante imaginávamos chegar.



Esse projeto intitulado TransLuz é político e foi agregando uma conscientização de elementos sociais, culturais, entre outros. É nossa arma e escudo contra proibições e censuras. O autor Michel Foucault (1975, p. 31) fala sobre:

[...] ‘corpo-político’ como o conjunto dos elementos materiais e das técnicas que servem de armas, reforços, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos do saber”. (1975, p. 31)

No fim nunca se trata sobre certo e errado e sim sobre interesses de grupos, pessoas, instituições, etc. Já vimos no decorrer da nossa história a repetição de vários erros cometidos em nome de uma sociedade melhor. Melhor para quem? Até quando vamos repetir esses mesmos erros? É preciso superar o absentéismo e a atonia. A arte é o meio que encontramos para isso. Foucault diz que:

Não são tanto, ou não são os privilégios da justiça, sua arbitrariedade, sua arrogância arcaica, seus direitos sem controle que são criticados; mas antes a mistura entre suas fraquezas e seus excessos, entre seus exageros e suas lacunas, e sobretudo o próprio principio dessa mistura, o superpoder monárquico. (1975, p. 80)

O autor no livro “*Vigiar e Punir*” complementa falando também sobre a “exploração” das ilegalidades a que somos submetidos:

A delinquência, ilegalidade dominada, é um agente para a ilegalidade dos grupos dominantes. A implantação das redes de prostituição no século XIX é característica a respeito: os controles de polícia e de saúde sobre as prostitutas, sua passagem regular pela prisão, a organização em grande escala dos lupanares, a hierarquia cuidadosa que era mantida no meio da prostituição, seu enquadramento por delinquentes-indicadores, tudo isso permitia canalizar e recuperar, através de uma série de intermediários, os enormes lucros sobre um prazer sexual que uma moralização cotidiana cada vez mais insistente votava a uma semiclandestinidad e tornava naturalmente dispendioso; na computação do preço do prazer, na constituição de lucro da sexualidade reprimida e na recuperação desse lucro, o meio delinquente era cúmplice de um puritanismo interessado: um agente fiscal ilícito sobre práticas ilegais. Os tráficos de armas, os de álcool nos países de lei seca, ou mais recentemente os de droga, mostrariam da mesma maneira esse funcionamento da “delinquência útil”; a existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sobre o qual se chega a exercer controle e a tirar um lucro ilícito por meio de elementos ilegais, mas tornados manejáveis por sua organização em delinquência. Esta é um instrumento para gerir e explorar as ilegalidades. (1975, p. 274)

Se a sociedade e os governantes começarem a usar o poder que a diversidade da cultura tem para tornar a sociedade um lugar mais amplo e aberto, e perceber que essa

força da cultura gerará uma qualidade de vida melhor para “todes”, viveremos um tempo incrível, mas que parece, cada vez mais utópico. Cabe a este artista e pesquisador continuar incessantemente sua busca de possibilidades a serem exploradas pelo que talvez a hipocrisia da sociedade não queira enxergar. Para finalizar vamos deixar essa frase do Foucault (1975, p. 57) “entre a verdade e a punição só deverá haver agora uma relação de consequência legítima. Que o poder que o sanciona não se macule mais por um crime maior que o que ele quis castigar.”

## REFERÊNCIAS

A, Redação Lado. **Site Redação Lado A**. Disponível em: < <https://revistaladoa.com.br/2014/03/brasil/homofobia-no-futebol-no-brasil-procurador-diz-ser-brincadeira-mas-na-europa-havera/> > Acessado em: 08 jan. 2020.

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Tradução Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

ALMEIDA G, Murta D. **Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil**. Sex salud soc 2013; 14:380-407

ALVES, Luciana. **Significados de ser branco – a brancura no corpo e para além dele**. Dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Educação Área de Concentração: Sociologia da Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – São Paulo – SP. 2010

ARAGUAIA, Mariana. **"Orientação Sexual"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sexualidade/orientacao-sexual.htm>. Acesso em 18 de dezembro de 2019.

ÁVILA, Maria Betânia. **Liberdade e legalidade: uma relação dialética**. ÁVILA, Maria Betânia; PORTELLA, Ana Paula; FERREIRA, Verônica (Org.) Novas legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BARROS, Luiza. **Site oficial O Globo**. Disponível em: < [https://oglobo.globo.com/cultura/roberto-alvim-diz-que-frase-de-goebbels-foi-coincidencia-retorica-mas-perfeita-24196159?utm\\_source=Twitter&utm\\_medium=Social&utm\\_campaign=O%20Globo](https://oglobo.globo.com/cultura/roberto-alvim-diz-que-frase-de-goebbels-foi-coincidencia-retorica-mas-perfeita-24196159?utm_source=Twitter&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo) > Acesso em 17 jan. 2020.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência**

**transexual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERGER, John. **Modos de ver.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BORTONI, Larissa. **Site oficial do Senado Federal.** Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional> > Acessado em: 17 jul. 2019.

BUTLER, J. (2015). **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** (9a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira. Trabalho original publicado em 1990.

BUTLER, J. (2009). **Inversõessexuais.** In I. C. F. Passos (Org.), Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade (p. 91-108). Belo Horizonte, MG: Autêntica. Trabalho original publicado em 1996.

CANTON, Kátia. **Corpo identidade e erotismo.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARMO, Anderson do. **"DNA de Dan" evidencia compromisso do Sesc com arte que não faz concessões.** Ago. 2017.

CARMO, Anderson do. **Site ND +.** Disponível em: < <https://ndonline.com.br/florianopolis/plural/critica-dna-de-dan-evidencia-compromisso-do-sesc-com-arte-que-nao-faz-concessoes> > Acesso em 15 ago. 2017.

CIAMPA, A. C. (2002). **Políticas de identidade e identidades políticas.** In C. I. L. Dunker & M. C. Passos (Orgs.), Uma psicologia que se interroga: ensaios (p. 65 - 135). São Paulo: Edicon.

CLARK, Kenneth. **El Desnudo: un estudio de la forma ideal.** Madrid: Alianza

Editorial, 2006.

CHAGAS, Emmily Negrão. **Identidade de gênero e políticas públicas: a invisibilidade da população trans no Brasil**. Artigo apresentado na VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas na Universidade Federal do Maranhão. São Luís - Maranhão 2017

CONTEÚDO, Estadão. **Site Exame**. Disponível em: <  
<https://exame.abril.com.br/brasil/mudancas-na-cultura-acentuam-conservadorismo-e-deixam-produtores-em-alerta/>> Acessado em: 03 dez. 2019.

CONTEÚDO, Estadão. **Site Exame**. Disponível em: <  
<https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-chama-lei-rouanet-de-desgraca-e-reduz-captacao-a-r-1-mi/>> Acessado em: 21 jan. 2020.

CONTEÚDO, Estadão. **Site oficial Istoé**. Disponível em: <  
<https://istoe.com.br/bolsonaro-intervencao-do-mec-em-universidade-suspendeu-vestibular-para-trans/>> Acessado em: 22 jul. 2019.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CUNHA, C. V.; LOPES, P.V.L. **Religião e Política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2012.

CUNHA, Maria Helena. **Gestão Cultural: profissão em formação**. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2007.

DANIELLE, Beatriz. **DCM**. Disponível em: <  
<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/res-publica-peca-censuradapor-bolsonarista-da-funarte-encontra-espaco-para-se-apresentar-em-sp-por-beatriz->

danielle/ > Acessado em: 04 dez. 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FACUNDO, Matheus. **Site oficial O Povo Online**. Disponível em: <  
<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/12/27/travesti-dandara-dos-santos-e-homenageada-com-escultura-em-nova-york.html>> Acessado em: 08 jan. 2020.

FISCHER, Ernst. **A função da arte**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FOLHAPRESS. **Site oficial da Folha de Pernambuco**. Disponível em: <  
<https://www.folhape.com.br/diversao/diversao/brasil/2019/11/20/NWS,123074,71,1379,DIVERSAO,2330-NA-UNESCO-ROBERTO-ALVIM-DIZ-QUE-ARTE-BRASILEIRA-ESCRAVIZOU-MENTE-POVO.aspx>> Acessado em: 03 dez. 2019.

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. **A construção da identidade de mulheres e homens como processo histórico-social**. Disponível em:  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185064/mod\\_resource/content/1/identidade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185064/mod_resource/content/1/identidade.pdf) Acesso em: 06 jan, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vizes, 1987.

G1. **Site oficial G1**. Disponível em: <  
<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/12/governo-suspende-nomeacoes-dos-presidentes-da-fundacao-palmares-e-iphan.ghtml>> Acesso em 13 jan. 2020.

G1. **Site G1 no Ceará**. Disponível em: <  
<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/07/16/vestibular-para-pessoas-trans-anulado-vai-de-encontro-a-lei-de-cotas-diz-universidade.ghtml>> Acessado em: 22 jul. 2019.

G1. **Site G1 no Ceará.** Disponível em: < <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/01/20/demissao-de-secretario-no-ceara-apos-evento-com-atores-seminus-e-censura-e-preconceito-diz-coletivo.ghtml> >  
Acessado em: 21 jan. 2020.

GALVÃO, Agência Patrícia. **Site oficial do Instituto Patrícia Galvão.** Disponível em: < <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/lgbt/maria-clara-de-sena-mulher-negra-transsexual-e-refugiada/> > Acessado em: 13 ago. 2019.

GARCIA, M. R. V. **Dragões: gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda.** Tese de doutorado Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo – São Paulo – SP. 2007

GHIROTTI, Edoardo. **Site oficial Veja.** Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/entretenimento/ancine-proibe-servidores-de-exibirem-filme-brasileiro-inscrito-no-oscar/> > Acesso em 10 dez. 2019.

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7º Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IMS. **Site oficial do Instituto Moreira Salles.** Disponível em: < <https://ims.com.br/2018/07/26/119089/> > Acessado em: 24 jul. 2019.

IPEA. **Página institucional.** Disponível em: < [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=29526](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526) > Acesso em 04 dez. 2019.

JORNAL, Destak. **Site oficial Destak Jornal.** Disponível em: < <https://www.destakjornal.com.br/diversao---arte/musica/detalhe/o-corpo-social-da> >

travesti-sempre-e-marginalizado-diz-assucena > Acessado em: 15 jul. 2019.

KANT, E. **Critique de la raison pure. Trad. Tremesaygues e Pacaud.** Paris: PUF, 1970. Ed. Brás. Crítica da razão pura. Trad. Lucimar A. Coghi Anselmi e Fulvio Lubisco. São Paulo: Ícone, 2007.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial. 2001.

LÚCIO, Carolina Carmini Mariano. **A trama do valor na arte: aspectos da história da curadoria.** Artigos premiados, São Paulo, 20 ed, p. 07, 2009

MARTINELLI, Andréa e ANTUNES, Leda. **Geledés Instituto da Mulher Negra.** Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/quelly-da-silva-o-nome-da-travesti-que-foi-assassinada-e-teve-o-coracao-arrancado/> > Acessado em: 15 jul. 2019.

MATÉRIA, Toda. **Site oficial Toda Matéria.** Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-marginalizacao/> > Acessado em: 22 jul. 2019.

MATUOKA, Ingrid. **Site Centro de Referências em Educação Integral.** Disponível em: < <https://educacaointegral.org.br/reportagens/por-que-a-escola-brasileira-precisa-discutir-genero-e-orientacao-sexual/> > Acesso em 06 jan. 2020.

MARX, K. **O trabalho Alienado em Economia política e filosofia.** Rio de Janeiro: Melso. 1844-1993

MELIN, Regina. **Performance nas artes visuais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar E, 2008.

MINAS, G1. **Site oficial G1 Minas Gerais.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/07/19/kalil-cancela-coroacao-da-nossa-senhora-das-travestis-na-virada-cultural-de-belo-horizonte.ghtml> > Acesso em 06 dez. 2019.



MORAES, Isabela. **Site Politize!**. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/educacao-sexual-o-que-e-e-como-funciona-em-outros-paises/>> Acesso em 06 jan. 2020.

NEHER, Clarissa. **DW Made for minds**. Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-br/a-nudez-atrav%C3%A9s-da-arte/a-40878975> > Acesso em 04 fev. 2020.

OLIVIERI, Cristiane Garcia. **Cultura neoliberal: leis de incentivo como política pública de cultura**. São Paulo: Escrituras, 2004.

ORTEGA, Flávia Teixeira. **Site Jusbrasil**. Disponível em: < <https://draflaviaortega.jusbrasil.com.br/noticias/309394678/o-que-sao-os-crimes-de-odio/> > Acessado em: 22 jul. 2019.

PAULO, Folha de São. **Site oficial Folha de São Paulo**. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/01/em-video-alvim-cita-goebbels-e-provoca-onda-de-repudio-nas-redes-sociais.shtml>> Acessado em: 17 jan. 2020.

PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. **Transexualidade e heteronormatividade**: algumas questões para a pesquisa. Textos e Contextos, v. 10, n. 1, jan./jul. 2011.

PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

QUEIROGA, Louise. **Site oficial O Globo**. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-segue-no-primeiro-lugar-do-ranking-de-assassinatos-de-transexuais-23234780> > Acessado em: 08 jul. 2019.

REDAÇÃO, Da. **Site oficial Veja**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-veta-filmes-com-temas-lgbt/>> Acessado em: 06 dez. 2019

REY, Sandra. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em artes visuais.** Porto Arte, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais-UFRGS, n.13, v.7, 1996.

RIBEIRO, Djamilá. **O que é lugar de fala?.** Belo Horizonte: Letramento, 2017. Feminismos Plurais

RODRIGUES, Arthur e SETO, Guilherme. **Site oficial da Folha de São Paulo.** Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/prefeitura-de-sp-promete-festival-com-pecas-censuradas-pelo-governo-bolsonaro.shtml?origin=linkedin>> Acessado em: 03 dez. 2019.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: leitura de arte na escola.** Porto Alegre: Mediação, 2003.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência.** Trad. Iraci D. Poletti e Regina Salgado Campos. São Paulo: SENAC, 2010.

TEIXEIRA, Adailton Alves. **Blog Teatro de Rua e a Cidade.** Disponível em: < <https://teatroderuaecidade.blogspot.com/2013/02/funcao-social-da-arte.html> > Acessado em: 04 dez. 2019.

UNESCO. **Site oficial da Organização das Nações Unidas no Brasil.** Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/unesco-defende-educacao-sexual-e-de-genero-nas-escolas-para-prevenir-violencia-contramulheres/>> Acessado em: 06 jan. 2020.

VENTURINE, Lilian e PIMENTEL, Matheus. **Site Nexo.** Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/11/04/Por-que-Bolsonaro-mant%C3%A9m-discurso-do-%E2%80%98kit-gay%E2%80%99-mesmo-desmentido> > Acessado em: 09 ago. 2019. > Acessado em: 15 jul. 2019.